LUTA DOS CONTRÁRIOS

Programa editorial da

LIVRARIA E EDITÔRA LOGOS LTDA.

"ENCICLOPÉDIA DE CIÊNCIAS FILOSÓFICAS E SOCIAIS"

de *MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS*

VOLUMES PUBLICADOS:

1) *"Filosofia e Cosmovisão"* — 4.ª ed. — 2) *"Lógica e Dialéctica"* (incluindo a Decadialéctica) — 3.ª ed. — 3) *"Psicologia"* — 3.ª ed. — 4) *"Teoria do Conhecimento"* — 3.ª ed. — 5) *"Ontologia e Cosmologia"* — 2.ª ed. — 6) *"Tratado de Simbólica"* — 7) *"Filosofia da Crise"* (problemática) — 2.ª ed. — 8) *"O Homem perante o Infinito"* (Teologia) — 9) *"Nosologia Geral"* 2.ª ed. — 10) *"Filosofia Concreta"* — 2.ª ed. no prelo. — 11) *"Sociologia Fundamental"* e *"Ética Fundamental"*.

NO PRELO:

12) *"Filosofia Concreta dos Valores"*.

COLEÇÃO TEXTOS FILOSÓFICOS

Sob a direção de

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

"Aristóteles e as Mutações" — Com o texto traduzido e reexposto, acompanhado de comentários, compendiados por *MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS.*

"O Um e o Múltiplo em Platão", de *MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS.*

A SAIR:

"Obras completas de Aristóteles" — "Obras completas de Platão" — Acompanhadas de comentários e notas.

COLEÇÃO "OS GRANDES LIVROS":

"Don Quixote de la Mancha", de Miguel Cervantes — ilustrada, com gravuras de Gustavo Doré — 3 vols. enc. — *"Paraíso Perdido"*, de Milton, com ilustrações de Gustave Doré, em 2 vols. — *"Fábulas de La Fontaine"*, com ilustrações de Gustave Doré, em 3 vols.

A SAIR:

"A Ilíada", de Homero. *"A Odisséia"*, de Homero. *"A Eneida"*, de Virgílio. *"A Divina Comédia"*, de Dante, com ilustrações de Gustave Doré, em 3 vols. *"Gil Blás de Santilhana"*, de Le Sage, com ilustrações.

ANTOLOGIA DA LITERATURA MUNDIAL:

1) "Antologia de Contos e Novelas de Língua Estrangeira". 2) "Antologia de Contos e Novelas de Língua Estrangeira". 3) "Antologia de Contos e Novelas de Língua Portuguêsa". 4) "Lendas, Fábulas e Apólogos". 5) "Antologia do Pensamen-

to Mundial". 6) "Antologia de Famosos Discursos Brasileiros". 7) "Antologia de Poetas Brasileiros". 8) "Antologia de Poetas Estrangeiros".

Obras de

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

PUBLICADAS:

"Filosofia e Cosmovisão" — 4.ª ed. — *"Lógica e Dialéctica"* — 3.ª ed. — *"Psicologia"* — 3.ª ed. — *"Teoria do Conhecimento"* — (Gnoseologia e Critèriologia) — 3.ª ed. — *"Ontologia e Cosmologia"* — (As ciências do Ser e do Cosmos) — 3.ª ed. — *"O Homem que Foi um Campo de Batalha"* — Prólogo de "Vontade de Potência", ed. Globo — Esgotada — *"Curso de Oratória e Retórica"* — 6.ª ed. — *"O Homem que Nasceu Póstumo"* — (Temas nietzscheanos) — 2.ª ed. — *"Assim Falava Zaratustra"* — Texto de Nietzsche, com análise simbólica — 3.ª ed., no prelo. — *"Técnica do Discurso Moderno"* — 3.ª ed. — *"Se a esfinge falasse..."* — Com o pseudônimo de Dan Andersen — Esgotada — *"Realidade do Homem"* — Com o pseudônimo de Dan Andersen — *"Análise Dialéctica do Marxismo"* — Esgotada — *"Curso de Integração Pessoal"* — (Estudos caracterológicos) — 2.ª ed. — *"Tratado de Economia"* — (Edição mimeogra-

fada) — Esgotada — *"Aristóteles e as Mutações"* — Reexposição analítico-didática do texto aristotélico, acompanhada da crítica dos mais famosos comentaristas. — 2.ª ed. — *"Filosofia da Crise"* — (Problemática filosófica) — 2.ª ed. — *"Tratado de Simbólica"* — *"O Homem perante o Infinito"* (Teologia) — *Noologia Geral"* — 2.ª ed. — *"Filosofia Concreta"* — *"Sociologia Fundamental* e *"Ética Fundamental"* — *"Práticas de Oratória"* — *"O Um e o Múltiplo em Platão"* — *"Assim Deus Falou aos Homens"* — *"Vida não é Argumento"* — *"Certas Subtilezas Humanas"* — *"Casa das Paredes Geladas"*.

A Publicar:

* *"Filosofia Concreta dos Valôres* — * *"Os versos áureos de Pitágoras"* — * *"Pitágoras e o Tema do Número"* — * *"Tratado de Estética"* — * *"Tratado de Esquematologia"* — * *"Teoria Geral das Tensões"* — * *"Dicionário de Filosofia"* — * *"Filosofia e História da Cultura"* — * *"Tratado Decadialéctico de Economia"* — (Reedição ampliada do "Tratado de Economia") — * *"Filosofia da Afirmação e da Negação"* — * *"Temática e problemática das Ciências Sociais"* — * *"As três críticas de Kant"* — * *"Hegel e a Dialéctica"* — * *"Dicionário de Símbolos e Si-*

nais" — * "*Metodologia Dialéctica*" — * "*Discursos e Conferências*" — * "*Em Busca dos Caminhos Perdidos*".

TRADUÇÕES:

* "*Vontade de Potência*, de Nietzsche — * "*Além do Bem e do Mal*", de Nietzsche — * "*Aurora*", de Nietzsche — * "*Diário Íntimo*", de Amiel — * "*Saudação ao Mundo*", de Walt Whitman.

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

LUTA DOS CONTRÁRIOS

ENSAIOS E AFORISMOS

LIVRARIA E EDITÔRA LOGOS LTDA

Praça da Sé, 47 — Salas 11 e 12

Fones: 33-3892 e 31-0238

SÃO PAULO

1.ª edição — novembro de 1958

Todos os direitos reservados

ÍNDICE

Págs.

Temas de Problemática 17
A Eternidade do Instante 47
A Monotonia da Existência 57
O Homem e a Solidão 67
A Tragédia da Excepção 75
O Efêmero das Condições Adversas 81
Interpretação Heróica das Atitudes . 87

Pensamentos e Máximas

Fazer Rir 99
A vida não vivida 107
Os séculos esperarão.. 119
Prédica inútil 127
Máscaras 149
E o socialismo começa... 161
Juízes 177

TEMAS DE PROBLEMÁTICA

Onde não há espírito, não há trabalho. Os animais que chamamos trabalhadores são apenas mecânicos, automáticos, embora com a intensidade orgânica que os distingue das máquinas. O homem põe espírito no trabalho; êle *concebe* o que deseja realizar.

*

A relação entre a realidade e a geometria, já foi bem caracterizada por Einstein quando disse:

"Na medida em que as proporções da matemática se referem à realidade não são seguras e, na me-

dida em que são seguras, não se referem à realidade".

A matemática pura refere-se apenas ao carácter formal interno, e não à sua aplicação à realidade.

*

O economismo, o psicologismo, o historicismo, o biologismo, o empirismo, o materialismo, o subjectivismo, o mecanicismo, e muitos outros *ismos*, são formas viciosas da "Anschauung", pois não querem *compreender* o mundo mas *explicá-lo* redutivamente, ou seja, reduzi-lo a um plano base do conhecimento, a um único aspecto da realidade, dado como um incondicionado.

*

Em cada ciência, há um irredutível, mas há também um redutível. Há planos, campos, zonas — os nomes deverão ser precisados oportu-

namente pelos estudiosos — que se reduzem a uma ciência "anterior" ou "posterior", e outros que permanecem especìficamente próprios da ciência em questão.

Por exemplo: há algo na biologia que permite uma explicação físico-química, mas também o que é irredutível à físico-química, como também o que ultrapassa à própria biologia.

*

A contradição não é vencida, é sobrepassada pela *transfiguração*, quando o equilíbrio dinâmico é totalmente ultrapassado.

*

A primeira antinomia fatal e necessária é a antinomia da existência. Nela é sempre necessário que exista contradição. Êsse o carácter trágico da dialéctica.

A ordem do desenvolvimento orgânico é inversa da ordem do desenvolvimento inorgânico. Predominam no primeiro os factôres de intensidade sôbre os de extensidade, cuja inversa se observa nos segundos, pelo menos no terreno da macrofísica. Além disso, nos primeiros, o *todo* orienta, conduz a parte, que é por aquêle condicionado, enquanto, nos segundos, verifica-se a inversa. Eis aí o caminho para achar uma explicação da *causa finalis*, o finalismo, a teleologia, que sempre nos parece revelar o orgânico, em que o todo é sempre muito diferente da soma das partes, pois um corpo vivo não é apenas a soma de seus órgãos. Poder-se-ia dizer também que uma soma é diferente do conjunto de suas partes, pois um muro não é apenas a conjunção dos tijolos, da argamassa, etc. Se tal se dá neste exemplo, nos exemplos que nos dá a bio-

logia, a diferença é ainda muito maior. Matemàticamente aqui, a soma seria apenas quantitativa, (como é, aliás, no campo da matemática) e os aspectos intensivos são inibidos, rejeitados, virtualizados.

*

Matemàticamente, dentro apenas do seu terreno, a soma é apenas o conjunto das partes. No mundo da existência tempo-espacial, a soma é qualitativamente diferente da parte, sobretudo quando nela penetra a acção do homem, que lhe empresta valôres ou nela capta valôres. Assim a *transformação* da quantidade em qualidade, de que falam alguns dialécticos, encontra aí uma explicação, um apontar para novos aspectos. Na verdade, a quantidade não se transforma em qualidade. O que se dá é o seguinte:

a) com a acção humana, a quan-

tidade aumentada, pode ter novos valôres, diferentes da parte, o que lhe empresta uma qualidade diferente;

b) todo o aumento de quantidade, considerado apenas em si, traz conseqüentemente modificações qualitativas que lhe são *contemporâneas*. Nunca a qualidade surge em dado momento (senão para a apreciação humana) do crescimento quantitativo, mas acompanha a êste contemporâneamente, porque a qualidade é inseparável da quantidade, porque ambas são elementos do mesmo facto.

*

Um movimento absoluto (como quantitativamente infinito) seria um movimento que negaria a si mesmo por privação. Afirmaria a simultaneidade. O movimento absoluto de Einstein, o é em relação ao movi-

mento da luz. Algo para mover-se tem de ser determinado, finito, ter existência, tempo-espacial, portanto conjunto de contradições, o que não permitiria um movimento infinito nesse sentido quantitativo, extensista.

O movimento, em seus graus, é condição de tudo quanto é tempo-espacial (corpo).

*

Todo indivíduo vivo se caracteriza pelo *potência* de escolha de suas reações aos estímulos exteriores.

*

O tempo é inseparável do ser tempo-espacial, mas o tempo é o dinamismo do nada. É a desaparição a essência do tempo, que sucede e substitui a si mesmo constantemente, e êsse tempo é futuro, o qual,

por sua vez, é o princípio da desaparição.

O tempo pertence ao futuro, porque o que é presente é apenas o futuro momentado. Um momento substitui o outro. O espaço é reversível, porque um espaço está ao lado do outro. É no tempo que está o sujeito, e a subjectividade é portanto criada por êle. O espaço é homogêneo, enquanto o tempo é heterogêneo, e é essa heterogeneidade que cria o sujeito.

*

O que não é orgânicamente transformável (melhor, assimilável) é restituido pelo organismo ao exterior como mineral (ou orgânicamente), neste caso como inadaptável ao organismo rejeitador. Êste o processo selectivo da vida, uma prudente avaliação da vida. Poder-se-ia compreender êsse processo selectivo

apenas como funcionando pela afinidade ou não dos compostos químicos que formam o organismo e que extraem, dos elementos apreendidos do exterior, os elementos que lhe são convenientes, repelindo os inaproveitados, isto é, os que não apresentam afinidades com os elementos químicos orgânicos. A doença surge da impossibilidade de repelir os elementos não afins que, ao permanecerem no organismo, constituem um corpo extranho que impede o pleno desenvolvimento do mesmo, obrigando-o a defender-se pelos esforços de expulsão ou pela formação de compostos químicos que possam atacá-los, o que constitui ou compõe um estado anormal.

Essa tese, no entanto, oferece uma grande problemática. Se explicássemos apenas assim a vida, cairíamos numa explicação marcadamente físico-química. No entanto, há

uma predominância, do todo sôbre a parte, no mundo orgânico, que torna tal interpretação imperfeita e insatisfatória, porque há soluções também diferentes, como adaptações, recomposições que não obedecem a êsse simplismo. Além disso, há a interferência do psiquismo sôbre o corpo, o que hoje é inegável. As próprias idéias adquiridas interferem e podem suscitar modificações extraordinárias.

*

O existir é o existir de uma coisa. Nós apreendemos a existência de alguma coisa, e não a existencialidade da coisa.

*

Descartes transcende a dúvida pela actualização sempre cada vez mais crescente da negação.

*

Tôda hipótese científica é um acto de fé.

*

É sòmente na afectividade, no dado afectivo, que sentimos os caracteres da eternidade, porque não é nem espaço nem tem tempo.

*

A memória é o passado. O tempo é apenas futuro, potência, que se actualiza no momento. Tôda a heterogeneidade do suceder não é plenamente acto, rigorosamente acto, porque sempre há um "a vir", um actualizar-se do futuro. Nós não percebemos a transformação, mas apenas um *aparecer* e um *desaparecer*, porque, na realidade, o que há é isto, e não a transformação.

*

Por não podermos abarcar simultânea e totalmente a existencialida-

de geral, surge-nos a representação do tempo. Da mesma forma, a simbolização do espaço decorre do facto de termos apreensões discontínuas (aspectos como partes de um todo) que nos oferecem visões sucessivas.

A representação do tempo é um resultado da acção, e esta resulta da impossibilidade de um conhecimento total.

*

Como somos viventes, a actualização da heterogeneidade temporal se processa mais acentuadamente. Naturalmente, por isso, o tempo e sua abstração, a temporalidade, tinham que se tornar temas relevantes para a filosofia.

*

A quantificação da existencialidade é notória em tôda concepção em que predomina o anelo da homo-

geneidade, da identidade. Quando aí, pressupõe-se a redução da qualidade à quantidade (o que muitos julgam inevitável). Mas apenas o que se verifica é uma *fuga* à qualidade, um repelir desta para afirmar a outra, um escamoteamento premeditado pela razão, uma imposição desta, dadas as suas características, uma actualização exagerada do homogêneo em detrimento da heterogeneidade, uma imposição da ordem dinâmica do inorgânico que em nós predomina, no processo racional. Por isso a razão, embora tenha muito que ver com a vida, e se dê na vida, é um dos seus aspectos e pouco vital, por ser menos intensista.

*

A razão não se preocupa com a compreensão; todo o seu interêsse se dirige para a extensão (dos con-

ceitos). Não é tal proceder mais uma demonstração extensista da razão?

*

Bergson para libertar-se, para evitar as aporias eleáticas, recorre a um espaço homogêneo e indefinidamente divisível, e a um movimento qualitativo, cuja continuidade êle afirma ser mecânicamente estática, mas que nos é revelada como função da interpenetração das heterogeneidades, que nos revela a duração pura.

Bergson sentiu que a intensidade é uma sucessão de heterogeneidades, ao negar que ela fôsse sucessiva e homogênea.

A simultaneidade pertence à extensidade. E, para Bergson, o espaço é homogêneo e divisível, portanto divisível em partes idênticas. Mas percebeu, outrotanto, que nêle

intervém uma função de diferenciação:

a) — espaço — inteligência, lógica = identidade extensiva.

Neste caso, o princípio de diferenciação pertence a algo fora do espaço, a outra realidade. Acção heterogeneizante no contínuo homogêneo;

b) tôda conceptualidade contém em si duas funções inversas:

1) analítica e temporal; 2) sintética e espacial.

Bergson empolgou-se no extensivo. A sucessão tinha de ser heterogeneidade. Se tudo fôsse homogêneo, nada sucederia para nós, e o tempo só é sentido pela mudança, pela intensidade.

Em Bergson temos: a) a fenomenalidade de Kant; b) o utilitarismo da acção dos pragmatistas; c) a solução de continuidade entre a causalidade mecânica e a causalidade

orgânica dos vitalistas, entre o determinismo do meio e o desenvolvimento teleológico da matéria viva, entre a estática do tempo físico-químico euclidiano e o dinamismo do tempo biológico.

*

Nosso subjetivismo modela o mundo exterior, chamado objectivo: é o que se vê històricamente.

As qualidades intensivas nos são mais reais, mas as qualidades extensivas anulam, aniquilam aquelas. Bergson, entretanto, as superestima, embora muitos não o creiam. Por que?

A inteligência é um instrumento utilitário da vida, e qual a razão dela em aniquilar a substância qualitativa temporal que a constitui?

Bergson separa dois mundos: um mundo lógico, isento de intensidade, e um mundo de tempo interior, livre

de tôda quantidade extensiva, ambos verdadeiros números. Esse tempo interior livre, quer Bergson torná-lo completamente afastado da espacialidade, contudo êle mesmo compreendeu essa inseparabilidade.

Bergson fêz obra de racionalista ao tentar suprimir a arracionalidade imanente, constituída precisamente pelo conflito de dois processos quantitativos potenciais opostos. A fusão de ambas é destrui-las, e é inalcançável.

Bergson acreditou que o contínuo revelado atrás das heterogeneidades da intensidade pertencesse à qualidade, quando realmente são manifestações do dinamismo extensivo.

*

No princípio de identidade, os lógicos querem separar a coisa de sua

existência, quando ambas são inseparáveis. Uma coisa *é o que ela é*. A razão disassocia o que é dado único na realidade, e identifica posteriormente o que ela artificialmente separou. O mesmo se dá com o princípio de contradição que também desdobra a realidade.

Essa a razão porque nem o princípio de identidade, nem o princípio de não contradição, nem tampouco o de razão suficiente podem dar lugar a uma necessidade absoluta e, referindo-se às relações, expressam sòmente uma necessidade relativa.

Como puras regras da razão, engendram apenas uma necessidade lógica.

*

O pensamento é histórico. Esta foi a grande conquista do conhecimento filosófico actual. Dar ao con-

ceito seu conteúdo histórico é um papel que nos cabe.

*

Tôda filosofia pretende ter um carácter de universalidade e autonomia. A análise histórica de cada filosofia nos mostra, de sobejo, que não passa, no entanto, de simples *interpretação* da realidade, como já o acentuava Dilthey.

*

A variabilidade das disposições psicológicas gera as diversas *realidades.*

A ciência, na teoria, é uma disposição psicológica construída sôbre *leis* e que tem, portanto, a *sua* realidade.

*

A espécie faz parte do indivíduo. A espécie não é uma *essência* do

indivíduo, algo que viva à parte do indivíduo, mas *está* no indivíduo.

*

A memória guarda apenas abstracções estruturadas das coisas, mais ou menos estruturadas. Não *retém* a realidade concreta, a qual se nos escapa. Das coisas, conservamos apenas propriedades abstractas, não guardamos, na memória, o integral do apreendido pela consciência, mas apenas uma estrutura do percebido.

É a memória a base da consciência. A abstracção, feita pela memória, funda-se em percepções reais e não são abstracções metafísicas; são modeladas, traduzidas pela nossa autonomia individual.

Essa acumulação de abstracções, sintetizadas cada vez mais, cada vez mais gerais, acabam tornando-se verdades universais, que permitem

o desenvolvimento da capacidade do saber científico.

Há confusão no compreender o que seja o *método experimental* e o *método objetivo*. A imaginação e sua influência na obra científica tem sido descurada.

*

A ciência nasce com os conceitos de necessidade e de universalidade. Sem êles, não há ciência. A ciência é um conjunto de *leis*, não de *causas*.

Por ter sido capaz de conceber a universalidade, a necessidade — criações da razão pura — construiu o homem a ciência.

Universalidade decorre do conceito de unidade, variante dêste, aplicação ao real do princípio de identidade, essencial à razão.

Necessidade é a expressão de encadeamento conceptual, produto da

aplicação do princípio de razão suficiente.

A ciência está penetrada pelos dois princípios da razão, penetrada pelas idéias de universalidade e de necessidade. É acreditando na universalidade dos fenômenos e no seu encadeamento necessário, que o sábio investiga os fenômenos. E apesar dos factos, êle acredita neles e trabalha *como se* êles fôssem parte da realidade. É a penetração do espírito humano no mundo a conhecer.

*

Há substituibilidade do indivíduo em sua função social, quando êle falta, quando êle desaparece.

Somos *socialmente* substituíveis, não porém, pessoalmente. Tolstoi, Pasteur, Nietzsche são personalidades, e como personalidades são insubstituíveis.

Aqui há a diferença entre o social e o individual.

*

Têm os sêres humanos o atributo chamado *heceidade* (*haecceitas*), algo de incomunicável em sua natureza que constitui sua característica individual, que o individualiza: um princípio de individualização, da pessoa.

*

A personalidade afirma-se na *singularidade*, e nesta a necessidade da *liberdade*. Só podem desabrochar, crescer personalidades e, portanto, singularidades, onde houver liberdade. Disso sabem todos os opressores.

*

No tempo há *multiplicidade*; a *unidade* participa do eterno. O Todo, se unidade, eterniza-se pelo menos.

*

Os conceitos são estruturas puramente quantitativas; são por isso, na essência, números. Também, segundo compreendermos os números, compreenderemos os conceitos. Nós só numeramos o que distinguimos. E só numeramos a natureza porque nela distinguimos estruturas tensionais. Mas conceber essas estruturas como *processos* tensionais já nos levaria a conceber o mundo como processo, uma das inúmeras maneiras pitagóricas de compreendê-lo. Quando Goethe disse que "a função, retamente concebida, é a existência pensada em actividade", êle via, na existência, um processo activo, e não como mera quantidade. A função, na matemática fáustica, que é relação de relação, já é um conceber activo, portanto dinâmico, heterogêneo, dialéctico, do número. É o primeiro passo para levar a matemática a penetrar no terre-

no do qualitativo, do intensista, que muitos matemáticos nem de leve suspeitam.

*

O tempo como espaço interior, e o espaço como tempo exterior são enunciados engenhosos, mas, infelizmente, não têm fundamento.

*

Convém observar que tôda medida (número apenas como medida, como magnitude) exige sempre um *ponto de partida*. Mede-se de... Essa observação bem *meditada* (e meditar vem de medir) é de ricas conseqüências.

*

Há uma diferença notável entre a filosofia e a ciência. Esta *acrescenta* a cada saber um novo saber, a cada *explicação* acrescenta outra explicação. Na filosofia, ao contrá-

rio, cada nova teoria quer negar as outras, *substituí-las*. Se examinarmos a dialéctica do tempo e do espaço, vemos que, no espaço, há acrescentamento, presença de uma parte *com* outra. Do espaço, dedu-zimos e ao espaço acrescentamos. No tempo há substituição de um instante por outro. A filosofia é mais tempo, por isso mais profundamente histórica que a ciência. Mas êsse aspecto apenas revela sua actividade em geral, porque quanto ao método, a ciência é mais dialéctica. Esta conserva e supera, enquanto aquela substitui. A ciência realiza assim um progresso qualitativo e quantitativo, conseqüentemente é escalar (mais ou menos), enquanto a filosofia, por substituir, torna-se exclu-dente (ou... ou...). Substitui uma posição por outra; uma nega a outra. Não há, então, um acrescentamento na filosofia? Há; e a filosofia

deve aceitá-lo, e com êle proceder, construir, realizar, libertando-se da alternativa rígida. Só por êsse caminho a filosofia se tornará também progressiva. A aceitação dessa actividade permite desde logo, tomar-se uma posição cêntrica, eqüidistante tanto quanto é possível qualquer humana eqüidistância ante as tomadas de posição extremas e sobretudo unilaterais. A conquista dessa posição oblíqua permite coordenar a filosofia numa visão geral histórica, que a revelaria genèticamente, com a antevisão, outrotanto, de suas possibilidades reais.

*

Na verdade *explicar* é uma tentativa da filosofia, mas uma tentativa frágil. *Compreender* é o verdadeiro fim da filosofia, porque, realmente, cada filosofia apenas oferece uma *compreensão*, não uma *explicação*.

Por acaso Pitágoras explicou? Não; ofereceu uma compreensão, uma compreensão profunda, que a superficialidade das apreciações gerais não permite ver em tôda a sua extensão.

Todos os filósofos genuinamente grandes formam, com seus discípulos e seguidores, uma constelação filosófica, com seus astros, satélites, planetóides, etc. Assim temos o universo aristotélico, o kantiano, o hegeliano, o pitagórico, o platônico. Uma posição cêntrica na filosofia compreenderia essas constelações e os seus sóis històricamente, como *história*.

A totalidade dos psicólogos, antigos e modernos, não conseguem definir o que é a vontade, o arrependimento, o terror, os ciúmes, o capricho, a intuição artística, porque só se pode definir conceitos por outros conceitos, e tôda definição é

uma classificação, portanto está contida na esfera do extenso. Mas o que é *páthico* no homem é mais intensivo ainda que o meramente psíquico, e, para compreendê-lo, tôda exposição quantitativista, como a da definição, é uma falsificação, um emascaramento. A intuição *páthica* e *simpathética* não se pode prender ao campo do objectivo, que é sempre o campo da racionalidade, que é direcionalmente orientado para o objecto.

*

Sentimos que conjuramos alguma coisa quando lhe damos um nome, porque só podemos dar um nome ao que já conceituamos, e só conceituamos o que já distinguimos, e distinguir é saber, e saber algo sôbre alguma coisa é já dominá-la. Não está aí a gênese dêsse sentimento de segurança, quando pode-

mos dar um nome a algum facto novo que nos surge à frente? Quando algo se nos apresenta e não podemos dar-lhe um nome, não é porque ainda não o dominamos, ao menos pelo saber?

A ETERNIDADE DO INSTANTE

A noite estimulava abismos...

— Os filósofos afirmam que buscam a verdade e o verdadeiro, e que tortura lhes tem sido a verdade, que há milênios tentam interpretar, traduzir, definir, inùtilmente, sempre insatisfeitos.

A impossibilidade de conquistar a verdade os têm comovido, dilacerado, roído o espírito, atormentando-os nas noites indormidas, nas locubrações sem fim, nas meditações demoradas.

Que maligna, fugidia, imprecisa

tem sido ela, que se esvai pelos dedos quando o homem julga tê-la nas mãos. A Esfinge continua propondo perguntas, e as respostas provocam novas, numa fila interminável, que cansa, que abate. Os céticos foram os que se cansaram dessa jornada sem fim. O homem quis apreender a imagem ideal do seu impossível: e a verdade tem sido isso, desejo de ultrapassar os limites de nós mesmos, ponto de apôio sólido para um corpo cansado, para um espírito indormido.

Perdida a fé, a verdade paira inconquistável. O amargo desinterêsse da busca da verdade é o precipitado hodierno de um cansaço, de uma busca julgada inútil...

Terminou êle suas palavras, fazendo um grande gesto de renúncia.

Os braços tombaram lentamente, e a mão se espalmou com os cinco dedos apontados para o chão. Os lábios estavam agora serenos, e uma melancolia macia aveludava-lhe o rosto, enquanto o olhar nostálgico buscava na distância...

Êsse silêncio estimulou o outro que, com um arregaçar firme da boca, pronunciou com dureza estas palavras:

— Eu tentaria perguntar: o que é dentro de nós que nos impulsiona à busca da verdade? Será que procuramos a verdade ou também a mentira, a incerteza, a dúvida? Somos demasiadamente apócrifos para saber quem somos, na realidade. E não temos sempre consciência de nossos impulsos e, quantas vêzes, nossos mais nobres desejos, não passam de meras fantasmagorias de im-

pulsos recalcados. Não precisamos entregar-nos ao devassamento profundo de nossas almas; buscar nas longas viagens através das paisagens misteriosas do nosso interior, as razões dos nossos esquemas mentais. Deixemos isso para os psicólogos...

Temo às vêzes afrontar a mim mesmo nesses instantes que duvido de minha própria ânsia interrogativa. Êsses problemas, essas interrogações, não são só minhas.

Nessa época em que a decadência e o "confôrto" mascaram o vazio dos nossos desejos ou a superficialidade de nossos anseios, falar-se em problemas que transcendem a aparente profundidade das superfícies, é um perigo. Por muito menos, outros estarão sendo arrastados a casas de saúde. "Senhores, é proibido

interrogar!...” E por que essa ânsia de verdade não é admissível que tenha sua origem na ânsia do êrro? Quem nos diz que o homem busca o falso, mentindo a si mesmo, à sua vontade? Uma insatisfação do limite, das fronteiras que a ambiência lhe fornece, dos marcos que a vida lhe traça, dos confins que são seus semelhantes... O equilíbrio é precedido pelo prazer. Mas o prazer, ao dar o equilíbrio, desgosta, decepciona. O homem busca, depois, o indeciso, a imparidade. Estará no desequilíbrio o prazer?

Essa nova pergunta é uma contradição. E o homem, quando tem o desequilíbrio busca o equilíbrio, e, quando tem êste, busca aquêle. Quando tem o êrro, busca a verdade. Mas pergunto: quando tem a verdade? Ela, simplesmente, é a convicção do equilíbrio. Ao marchar

para ela, ao ver no horizonte a sua conquista, proclama-a perfeita, indefectível, absoluta. Quando a tem nas mãos, é um instante fugidio, fugidio como o êrro. Por isso exclama: não, essa não é a verdade! Isso é o êrro. A verdade é outra coisa, ela não é assim, fugidia, imprecisa, tênue... e sua busca inútil continua...

E também seus braços cairam no mesmo gesto de renúncia e sua mão espalmada apontou os cinco dedos para o chão.

O primeiro guardava ainda no rosto o mesmo olhar nostálgico e o sorriso macio que lhe aveludava a face. E o silêncio também o estimulou para que falasse. E sereno, lábios levemente trêmulos:

— A verdade da noite é o dia. E quando a luz da manhã violenta as

trevas, há êsse instante fugidio que tem o prazer que precede ao equilíbrio. Na luz da manhã está a verdade, como nos matizes crepusculares ela se encontra, esguia e passageira, naquele momento agônico, em que o dia se esvai e a noite ainda não chegou. Que labirinto de contradições!... Eu responderia: não será tudo a proclamação de que há uma parada, um compasso de espera, como se tudo parasse, como se o amanhecer fôsse um longo crepúsculo sem matizes, sem cambiantes de luz, sem agonias de côres, em que o tempo parasse como na eternidade.

A verdade está na eternidade do instante, se o instante fôsse a eternidade... Se êles vissem, porém, a opinião dos valôres, a luta sem fim das afirmações e das negações, e o desejo do equilíbrio como um re-

curso de cansados, como se a vida cansasse de si mesma e desejasse o instante de eternidade que fôsse a eternidade do instante, não veriam que a verdade anda aí travestida de êrro, tênue, coberta de diafaneidades, no tule leve das aparências, afirmativa na distância, negativa na proximidade, esguia, vacilante como a luz das estrêlas, pálida como a lua entre as trevas, penumbrosa no oriente dos crepúsculos, ou nos ocidentes dos amanheceres. Contraditória como o mundo, as coisas, como nós mesmos. A verdade seria, então, essa contradição eterna, sem fim, fugidia como as trevas dos amanheceres e como as últimas luzes do crepúsculo...

Ambos emudeceram e eu vacilava entre êles. Contradiziam-se, mas completavam-se. Não seriam um só

afirmando a si mesmo, com a afirmação de suas contradições?...

Deixei cair os braços num gesto de renúncia e a minha mão se espalmou com os cinco dedos apontados para o chão...

A MONOTONIA DA EXISTÊNCIA

"Viver, — dizia Valéry, — a despeito da opinião bastante difundida, a despeito da impressão, que nos dão da vida os periódicos, os teatros e as novelas, é uma prática especialmente monótona. A vida não está na desordenação. Nem tampouco, o imprevisto ou a realidade encerram a vida."

A concepção mecanicista tem sua decorrente no objectivismo anti-intelectualista da modernidade. Mas a vida não pode estreitar-se nas formas estabelecidas pela sensibilidade de uma época, nem pela perspectiva determinada pelas ocasiões huma-

nas. É preciso ver a vida além do próprio plano físico.

Há uma outra face que se sobre-eleva ao plano físico. Há outras dimensões que escapam aos sentidos. Por decepcionar-se da vida ninguém vai troca-la por um prato de lentilhas. Nem a alegria nem a felicidade podem nem devem ser procuradas a qualquer preço. A falta de capacidade para observar a vida sob um aspecto mais saudável, bem como sob um mais estético, não impede que nela haja saúde e estética. Nem todos têm seus sentidos preparados para perceber a ternura de certas lágrimas.

As cousas boas são estimulantes para a vida e até os ataques, contra ela, dos derrotados, dos amolecidos, dos amesquinhados, que buscam lenitivos para as torturas que êles mesmos criam, são estimulantes.

Por ser a prática de viver algo

monótona, as acusações não procedem. Há os que sabem embelezar a vida de luzes e de sombras. E, precisamente, a arte está nisto.

A artificialização da vida actual aumenta a monotonização. Sentimos a mesma nostalgia do desconhecido que experimentavam os romanos da decadência, aquêle cansaço de viver, aquêle "taedium vitae", gerador de tantas neuroses clássicas. Não resta dúvida que a guerra e as aventuras prováveis que ela oferece aos homens que se sentem arrastados à órbita dos destinos variados e imprevistos, criam uma maior tensão, um maior alertamento das consciências, uma vigilância contínua dos sentidos. Mas isto, embora possua "causas" predisponentes biológicas, não quer dizer que seja um mal necessário para os homens.

Daí porque não concordamos com a tese biológica da guerra. A guerra

é ainda um recuo. É uma barbarização do homem. E não podemos deixar de aceitar que representa um retôrno depressivo.

Aceitamos a superação do homem sem a necessidade da violência.

Se defendemos a fôrça não a confundimos, pois com a violência. Nem negamos que os perigos estimulem os homens, porque a vida necessita de perigo.

Mas, por acaso, a vida acidentada das metrópoles e a aparentemente passiva dos campos são alheias aos perigos e às aventuras?

Por acaso o homem não tem encontrado diversos caminhos que substituam as necessidades das violências e dos perigos, sem necessitar, porisso, da guerra? O desporto oferece, por exemplo, um campo imenso de emoções. O próprio mundo oferece nas conquistas inter-planetárias, na aviação estratosférica,

na conquista do âmago da terra, outro campo imenso, onde se exercitem as fôrças humanas que necessitam de extraversão.

Não se impõe uma análise muito profunda para compreendermos que as guerras não nascem como movimentos coletivos e, sim, como conseqüência de outras condições de grupos ou de ambições desmedidas de megalômanos. Todos os actuais problemas humanos teriam possibilidade de solução dentro dos limites pacíficos, pelo menos normais, sem que houvesse necessidade de sangueiras.

Não queremos dizer que desejamos o amolecimento das coletividades.

Ao contrário: combatemos o amolecimento e a artificialização. Não julgamos, porém, que a guerra seja, hoje, o único meio do homem exercitar seus músculos, sua vontade de potência, nem sua inteligência.

Há na guerra, sim, um desperdício de fôrças, de inteligências, de vidas. E basta olharmos o exemplo da revolução francesa...

Os frutos são sempre inferiores aos que os homens haviam desejado. A incompreensão obstinada de uns e a ambição desmedida de outros provocaram os conflitos. Na realidade todos nós somos culpados dêsses acontecimentos. Colaboramos de certo modo para que loucos se guindem ao poder e, depois arrastem o gado vacum humano à sangueira.

O fato de que as obras humanas tenham sido cimentadas em sangue e que tenhamos construido tudo à custa de lágrimas e de vidas, não justifica que a humanidade continue permanecendo no mesmo espírito guerreiro, de insanas violências.

Há caminhos novos ainda não trilhados, e podemos recordar a frase

do Rig-Veda "... não luziram ainda tôdas as auroras..." Precisamos, ao menos, acreditar na possibilidade de gerações que ajudem o homem a superar-se, a erguer-se acima de suas necessidades e convenções, tornando-se capaz de construir o mundo, cimentando-o com sua vontade e inteligência, e não mais sòmente com seu sangue e sua vida.

Os criadores da guerra aproveitaram-se sempre da monotonização da vida para arrastar os homens aos morticínios! Novos ideais humanos, ideais de aristocratização dos homens, de superações e não de igualizações mentirosas, poderão dar-lhes possibilidades de vitórias incruentas.

É preciso de uma vez para sempre que se estimule, no homem, a convicção de que há felicidade quando se supera, quando vence suas dificuldades, quando se ergue indivi-

dual e coletivamente acima de sua pequenez.

A atual sensibilidade humana é o precipitado de uma série de sedimentações psíquicas. É tão universal a nossa época que a concepção do homem abrange hoje um conceito também universalista. Não o podemos mais separar e, num futuro não muito remoto, compreenderemos o homem ligado a tôda a existência e a alma humana com um reflexo, que grave em imagens ilimitadas as séries do acontecer. Há no ser humano, dentro de seu inconsciente, a história integral do universo. O homem é o cosmos. O conceito anterior que separava o homem do mundo, como um ser à parte, antagônico à terra, formou a filosofia de certas épocas particularistas.

Nesta época universalista iremos compreendê-lo, como o próprio acontecer cósmico. Há no homem

tôda a história do mundo e dos mundos. Tem êle nostalgia de tôdas as eras geológicas e cósmicas.

Guarda em si os traumas psíquicos e os traumas físicos de tôda a cadeia infinita de sua existência. As épocas futuras projetarão o homem nesse "panteismo" universal. O homem há-de se libertar e sentir-se a parte que é um todo, porque participa do Todo.

O estado dionisíaco, desejado, ambicionado por Nietzsche, só então poderá conhecer o "excedente de vinho" de que êle falava. A emoção embriagadora cósmica, o dionisíaco impulso, criará a sensibilidade mais refinada que jamais existiu.

O HOMEM E A SOLIDÃO

A máquina mudou a nossa sensibilidade. Esta transformação se processou, nalguns pontos, tão bruscamente que atingiu formas revolucionárias. O homem de hoje renega o passado, porque o ritmo de sua vida é uma negação do passado. O grandioso que apresentam (quantitativamente) as realizações modernas, empequeneceu as obras grandiosas (qualitativamente) do passado, porque a nova alma humana é mais quantitativa em sua capacidade de percepção e sensibilidade.

O homem atingiu certo bem estar graças ao desenvolvimento da má-

quina, o que lhe deu uma convicção de fôrça. As condições de vida humana sofrem transformações bruscas, profundas, sòmente apreendidas através das estatísticas, pois a actual facilidade de adaptação às inovações é a mais forte que jamais conheceu a humanidade.

Instalaram-se novas fórmulas, novas maneiras de viver, que, anteriormente, custariam rios de sangue para serem impostas. O homem aceita tudo quanto lhe pareça criar uma possibilidade de confôrto e venha resolver-lhe uma necessidade actual.

Êle não nota nem se preocupa com o fato de que, saciada uma necessidade, outra reponta. Inventam-se produtos de máquina para satisfazer necessidades que ainda não existem. O homem cria-as; depois, porque já existe o meio de solucioná-las, o hábito dá-lhe esta segunda natureza.

A evolução humana processa-se mais rápida. As transformações de povos, de idéias, de opiniões, de perspectivas, são obtidas com tanta facilidade e rapidez que causariam assombro aos homens dos séculos passados, se pudessem ser espectadores das horas revolucionárias que estamos vivendo. O homem alargou sua capacidade de sentir e de viver através do ciclópico aumento dos maquinismos que vieram substituir até suas faculdades intelectivas. Há máquinas que substituem o homem em grande parte dos seus trabalhos intelectuais. A libertação do homem está se transformando numa verdadeira escravidão à máquina. Êste aspecto está tão debatido que exigiria demasiado espaço para analisá-lo, agora. A percepção humana modificou-se intensamente. Os próprios sentidos já são diferentes; a

velocidade deu uma concepção do tempo restringida.

Um dos grandes problemas do homem chamado moderno é o problema psíquico. Êle tem diante de si o abrumador problema abissal do futuro. São imensamente fortes e universais as fôrças que entram em choque neste instante, o que empresta um carácter trágico à sua vida, atrás da máscara do aparente humor e da atitude optimista, manifestada apenas na epiderme. No fundo, êle é o mesmo angustiado homem da decadência romana, com os bárbaros às portas. É o mesmo angustiado homem da "dança macabra" da idade média, quando a peste varria a metade da população da Europa.

"Todo aquêle que alcança a consciência do presente é por fôrça um solitário. Em todos os tempos, o homem *moderno* foi um solitário pois

cada um dos seus passos para esta consciência mais alta e mais ampla vai distanciando-o da participação mística primitiva e puramente animal com o rebanho, e arrancando-lhe da imersão no inconsciente coletivo". (Iung).

O homem superior é um solitário. Na época actual do homem-massa, em que o gôsto se generaliza num sentido de perspectiva comum, de anseios comuns, de opiniões comuns, não é de admirar haver, de um mesmo facto, uma interpretação igual e um mesmo comentário. O homem-superior é, naturalmente, um alheiado ao homem-massa; é uma excepção. O homem-massa encerra conceitos comuns, perspectivas comuns, gostos comuns. Isto pode ser um ideal... para os homens-massa. Nunca será um ideal para o homem que *sente* a si próprio, que se observa como excepção, cujo ritmo de

alma é, naturalmente, diferente da do homem vulgar. Esta excepção é muitas vêzes perigosa, destas excepções saem também os "perturbadores da ordem".

Para os que desejam dominar os homens, guiá-los, o homem-excepção é sempre um exemplo perigoso, inconveniente. A excepção é sempre um limite ao rebanho, e exige, porisso, normas especiais, porque tem interpretações especiais. Os dominadores, os "pastores" de massas humanas, são, muitas vêzes, excepções, mas que se adaptam ao rebanho e, porisso, querem dominá-lo, procurando ser excepção dentro do rebanho. Mas a verdadeira excepção sempre estará fora do rebanho. Zoològicamente, o que está fora talvez tenha sido a única fôrça capaz de permitir a evolução; se não a única, pelo menos a mais ponderável. Buscar regras diferentes de pen-

sar, intuições mais profundas, vozes que só a solidão nos permita ouvir, guiar-se por anseios que vêm libertados das pressões do meio, é permitido sòmente aos que se ausentam, aos refratários. O homem de gôsto superior nunca será o mesmo. Suas reações diferem quando em meio dos seus semelhantes. Más companhias tornam-se muitas vêzes necessárias para conhecer o homem comum. "São sempre más companhias tôdas aquelas que não são de nossos iguais". (Nietzsche).

E isto representa sacrifícios que não se podem calcular.

Dentro da sociedade, os homens vivem ainda a prehistória. A maior parte tem ainda uma mentalidade primitiva, arcáica, e as grandes conquistas, através dos séculos, são apanágio de camadas sociais reduzidíssimas.

As vastas massas ainda racio-
nam com os mesmos convencio-
lismos primitivos. Há homens de tô-
das as culturas no Ocidente, bizan-
tinos, góticos, barrocos, clássicos ra-
cionalistas, gregos, romanos, chine-
ses, árabes, e outros ainda mais pri-
mitivos. Há mentalidades prelógicas,
embrionárias. E o homem, em con-
junto, o homem bovino, nunca pode
ter uma mentalidade acima da sub-
normal. Só os solitários podem ex-
ceder a linha média. O homem mo-
derno, que tenha consciência de sua
actualidade, tem de ser um solitá-
rio, e para poder superar em si mes-
mo as vidas passadas, "esquecer" vi-
das já vividas, atingir ciclos mais
elevados da consciência, necessita
grandes silêncios, concentrações,
meditações profundas.

A solidão é para êle um título de
glória.

A TRAGÉDIA DA EXCEPÇÃO

Há dores que transcendem o âmbito das perspectivas quotidianas, como nos sofrimentos que se escondem, guardados atrás da penumbra dos sorrisos, ou buscam silêncio nas gargalhadas. É proverbial a felicidade de muita gente que consiste ùnicamente em parecer aos outros venturosa. As famosas quadrinhas de Matastásio e o poema de Raimundo Corrêa recordam-nos êsses momentos humanos. Há sofrimento maior, um sofrimento oculto, que se esconde atrás de olhares longínquos, de serenidade de gestos, de olhos machucados... É o sofrimento

da personalidade. A grandeza e a glória trazem o travor amargo das grandes dores, porque morais, porque profundas, porque dilaceram vigas mestras da personalidade, porque martirizam acomodamentos psicológicos que custaram torturas, noites indormidas, meditações demoradas, sacrifícios incruentos de esperança e de impulsos que foram acorrentados nas cavernas da alma.

Os grandes homens são os que mais sofrem. Mas, também, para êles, há grandes compensações psicológicas. Quem compreende a dor de um sábio que se oculta incompreendido, absolutamente insuspeitado em seu valor e capacidade, e que se entrega, anos a fio, comendo sua própria vida no banquete trágico de seu laboratório, correndo em busca, muitas vêzes, duma quimera, e que vê nevar seus cabelos, ceder ao pêso dos estudos seus om-

bros, tombar o peito encolhido, marcar no rosto o sulco das desilusões e as pegadas do tempo, e, sentir, outrotanto, muitas vêzes, o malôgro de suas experiências ou a inutilidade de sua busca? Anos perdidos... Onde lhe fica a compensação da glória? Todo seu trabalho desaparece nas sombras do anonimato, e, o que lhe dói, não é a glória que lhe negaram, mas a incompreensão de seus semelhantes; o que lhe dói, ainda, não é só isso: é a personalidade que êle nem sempre soube domar, que êle nem sempre soube dirigir para a conquista da realidade dos sonhos que muitas vêzes lhe embriagaram de fé e de entusiasmo na tepidez dos pensamentos, e que lhe esquentaram a alma e o sangue. Ainda não se glorificou o trabalho anônimo dos sábios malogrados. No fundo do espírito humano, há algo ainda de misterioso,

há um "fatum" que se não transmite, que se não domina. Êle é uma solução prévia ao rumo que o homem traça. Proclama os entraves que o azar dispõe, grava no espírito sulcos que nem o tempo nem a vontade apagam, marca com letras de fogo o próprio nome no destino. Quantos filósofos, ante o contôrno de suas vidas, o panorama social que os cercam, destroem-se para se não chocarem com seu ambiente, vulgarizam-se à custa de si mesmos!

Quantas vêzes a obra de um grande homem não lhe pertence, e sim ao seu meio, ao seu clima. Êle é o ambiente, a "entourage" das personalidades que lhes emprestam seiva, um reflexo das sedimentações coletivas de seus semelhantes.

"Eu sou..." é uma afirmação, às vêzes, dolorosa! Quão difícil para pronunciá-la em certos instantes de nossa vida! Quantas vêzes a ditadu-

ra do meio transforma a própria alma e o autor é o tradutor traidor de si próprio. Há uma prévia censura que o domina, que o amolda, que o modifica. E, no silêncio de si mesmo, a tragédia de sua afirmação lhe custa o melhor de si próprio. Eleva-se, sabendo que sua ascenção é um declínio. Sabe que lhe marcam, no tempo ou no destino, a sua queda. Sua glória é o reflexo coagulado das aspirações da coletividade que representa, seu renome é simplesmente a bandeira de uma orientação. E essa destruição de si próprio, essa trágica deglutição de sua personalidade, é a grande derrota subjetiva que se esconde atrás do sorriso de ventura que causa inveja aos outros.

Mas essa tragédia, às vêzes, têm laivos homicidas. É quando o artista, e pensador, não trepida ante a sua destruição, quando arraza sua própria tendência, passa de sua ca-

tegoria típica, quando nega a si mesmo a simpatia, tiraniza seus anseios, deturpa-os, condiciona-os, transmuta-os, e nega-se. Despersonaliza-se para atingir o estilo de seu contôrno, escreve um "in memoriam" de si mesmo. Sepulta-se nas idéias emprestadas, nos gestos e nas atitudes imitadas, e no aconchego do seu silêncio que penetra nos caminhos percorridos de sua vida, e espreita aquêle que deixou atrás, aquêle que teria sido se a fraqueza de sua vontade não lhe tivesse dado um outro destino. "Se a ciascum l'interno affanno si leggesse in fronte scritto, quanti mai che invidia fanno ci farebbero pietá..." E a quadrinha de Metastásio serve por um epitáfio.

O EFÊMERO DAS CONDIÇÕES ADVERSAS

Já houve quem notasse esta característica de nossa época: convencemo-nos que não possuímos a verdade. Tôdas as épocas caracterizavam-se pela convicção contrária. Até os próprios cépticos se forravam desta crença. As doutrinas totalitárias — embora em parte se orientem dialècticamente — são as únicas, hoje, que se proclamam possuidoras da verdade. São porisso intransigentes, porque sempre os que se julgaram com a verdade foram intransigentes.

As filosofias nasceram de um desejo, inconsciente ou não, de acomodação da vida às condições adversas. Esta tese é analisável através da história. Se verificarmos, por exemplo, Sócrates, há certas características que podem dar luz à compreensão de sua filosofia. Seu aparecimento marca uma transformação categórica na vida da filosofia grega, como em sua própria história.

A estirpe de Anaxágoras, Anaximandro, Heráclito, Empédocles, cujos olhos se volviam para o cosmos, cedeu à interpretação da vida e do homem das perspectivas socráticas. A filosofia grega perdera os altos vôos metafísicos e ossiânicos dos pre-socráticos.

A filosofia de Sócrates correspon-
de e conexiona-se, estreitamente, à situação histórica de Atenas e da Grécia em geral, época de decadência da economia helena e, sobretudo,

da ateniense em particular, fundamentada no trabalho escravo. Era uma acomodação às condições adversas.

Kant, por exemplo, — "aquêle funcionário prussiano" — ao formular os imperativos categóricos, fundia-se ao "Imperator" do prussianismo.

Mantinha o sensualismo pela acomodação lógica. Mais alemão que êle fôra Leibnitz, que se embriagou da alma germânica e chegou até a afirmativas audaciosas para um filósofo. Eram acomodações. Kant afirmava, com suas teorias, sem que disso tivesse consciência, uma acomodação ideológica entre comerciantes e industriais, que aspiravam e se preparavam para o poder. Acomodava, através da filosofia, a vida às condições adversas. Constituições psíquicas como a de Kant não podem fugir ao "imperativo" da época.

Na "ética", ao sublimar o conceito do Dever, prestava reverência ao militarismo da antiga Prússia.

Não acomodava Comte uma situação perigosamente revolucionária aos interêsses pacíficos de uma transformação sem violências?

Não era também a sua filosofia uma acomodação da vida às condições adversas?

Não marcava a direção filosófica o rumo de uma liberal democracia?

Numa época de lutas, de dúvidas e de agitações, em que as ameaças pairavam sôbre a França, sua filosofia tinha a serenidade do equilíbrio, de um acomodamento. Marcava, assim, uma situação, um rumo, uma ordem para orientar a sociedade à conquista das escalas que erguessem o homem, sem passar pelo redemoinho perigoso das revoluções.

Que é a filosofia mecanicista de Descartes senão uma filosofia carac-

terística de acomodações à época manufatureira em que viveu?

Não se adaptava, assim, a vida, às condições adversas da época?

Que fez Diderot na brutalidade do seu século, senão o acomodamento de uma filosofia do "terceiro estado", em luta contra as condições adversas que impediam a conquista do poder? Sua obra filosófica é caracterìsticamente política. E poucos homens poderão apresentar em sua história a influência sôbre um povo e uma época que êle, por exemplo, exerceu.

Dühring não procurava acomodar a situação revolucionária da Alemanha com um colaboracionismo de classes? Não era, também, a sua filosofia um acomodamento da vida às condições adversas? Que fazia Fichte com sua teoria idealista, colocado entre as idéias de Kant e Hegel, senão acomodar um refú-

gio às classes oprimidas da Alemanha, impotentes de ocupar o poder, colocando-as num ideal abstrato? E que fêz Hume, que fêz William James? Schopenhauer não foi simplesmente um lamento de acomodação na filosofia, após a derrota da revolução alemã de 1848?

E não foi talvez o efêmero das condições adversas o que determinou o efêmero de tantas filosofias?

INTERPRETAÇÃO HERÓICA DAS ATITUDES

Atingir o conceito e os limites da heroicidade e defini-la dentro de um esquema, têm sido o trabalho de dezenas de espíritos, o motivo que ergueu homens, através do tempo, como Carlyle e Plutarco.

Nisto, como em muitas outras coisas, os homens não se entenderam ainda. Há uma interpretação das atitudes heróicas ou uma interpretação heróica das atitudes?

Há uma história vivida muitas vêzes, e muitas vêzes, interpretada sob diversas maneiras. É simples no

seu conteúdo, mas humaníssima e psicológica. Ela nos pode dar um exemplo de heroicidade.

Vejamos: Era uma vez um homem que considerava a si mesmo um poltrão. Nunca buscara tomar uma atitude definitiva, temente das conseqüências. Não reagia às sugestões dos amigos próximos, receioso de os contrariar. Acompanhava-os contrafeito, mas moía, dentro de si, sua decepção reactiva. Tomara parte, junto com êles, em pequenas aventuras. Não fôra o mais brioso, nem nunca, de si mesmo, partira a proposta de um projeto. Um dia, êsses mesmos amigos, convidaram-no para tomar parte numa organização política. Desgostou-o a sugestão.

Ensaiou a tentativa de uma escusa, mas o olhar interrogativo, exigente, dos amigos, fê-lo recuar, buscando, com precaução, motivos de

doença, de família. O sorriso escarninho de uns lábios, de um dos que o convidaram, barrou-lhe a escusa. Aceitou com um lento mover de cabeça, enquanto, dentro de si, seus impulsos, inùtilmente, proclamavam uma negativa. Mas animou-se, depois, buscando outras escusas. Riram-se dêle. Houve, mesmo quem iniciasse uma acusação de covardia. Alçou o busto e confirmou sua resolução exterior.

Nunca faltava às reuniões. De véspera sempre tinha um motivo poderoso para justificar sua ausência, mas, no dia, lá estava, e era dos primeiros a chegar. Mesmo, quando adoentado, não falhava. Cumpria seu dever para com o partido, embora sempre fôsse discreto nas atitudes, ponderado nas palavras calmas. A polícia os espreitava. Êle temia isso. Quando esplanou aos amigos a

situação, o risco que corriam, perguntaram-lhe se temia o perigo. Seus lábios declararam que não, mas seu coração gemeu que sim.

A situação política do país agravava-se. O partido de que fazia parte resolveu, um dia, lançar um manifesto. Redigiram-no. Levaram-no a êle para que o lêsse. E quando terminava de correr seus olhos temerosos e abertos sôbre o papel, sentiu junto a mão uma pena, para que assinasse, com êles. Gritou para si mesmo que não assinaria. E quando lhe perguntaram rìspidamente se assinaria ou não, respondeu pelas letras tortuosas que desenharam seu nome no papel, enquanto, junto a si mesmo, no silêncio interior, sua voz reboava um não imenso, mas inútil.

O manifesto saiu a público. Era uma provocação num instante de

gravidade nacional. Houve sedições. Chamaram-no, então, para que tomasse parte, com os amigos, na luta. Para si próprio jurou que não sairia. Não arriscaria a vida nas barricadas. Mas os amigos o foram buscar. Perguntaram-lhe se empunharia ou não armas junto a êles. Quis responder enérgico que não. Mas ao olhar espectante, respondeu que sim. E foi.

No primeiro embate tremeu nas barricadas. Houve quem lhe perguntasse se tinha mêdo. Sorriu quase em lágrimas, dizendo que não pelos lábios secos, mas afirmando que sim, ante suas vísceras que tremiam. Derrotados na primeira refrega, foi, com os amigos, feito prisioneiro. Junto com êles assistiu o processo que o govêrno instaurou. Na prisão teve momentos de desfalecimento. Quis proclamar sua quase nenhuma

participação na revolta. Dizer quem era. Que o haviam arrastado. Que haviam abusado de sua falta de coragem. Mas quando os amigos lhe disseram que todos deveriam se portar como bravos, arrostando impávidos as imputações e assumindo sòzinhos a responsabilidade de tudo, suas fôrças desvaneceram-se, quis implorar que não, que deixassem dizer que não... Ergueu tôda a energia que ainda restava e, como num sôpro, esvaiu-se de seus lábios a afirmativa que, com êles, assumiria a responsabilidade de tudo.

Levaram-no, com os outros, ao tribunal. Seus olhos molhavam-se.

Mas quando os amigos lhe disseram que, como êles, deveria permanecer sereno, impertubável, quis exclamar que não podia mais, que não tinha fôrças para mais. Mas, igual

aos outros, ouviu sereno a sentença condenatória.

— Gritaremos: "Viva a *reforma!*" — murmurou-lhe um dos amigos. Quis dizer que não, que não gritaria aquêle grito provocador. Mas, com os outros, de seus lábios saíram as palavras provocadoras.

No cadafalso todos seriam heróicos. Nenhum gesto de desfalecimento deveria perturbar a serenidade dos rebelados, nem empanaria a glória dos que tombaram por uma causa justa. Perguntaram-lhe, à beira do cadafalso, se se portaria como um bravo. Suas carnes gritavam que não, seus nervos se adelgaçavam, seus músculos se aniquilavam. Quis implorar sua derrota, quis soltar seus desesperos contidos... Mas de seus lábios saiu a promessa de que contassem com êle.

Na hora da execução viu, um por um dos amigos subirem o cadafalso. Um por um morria enérgico e decisivo. E antes de tombar, um por um gritava seu brado de rebeldia. Chegara sua vez. Seria o penúltimo. Sentiu-se sem fôrças. Seus músculos esvaíam-se. Tombaria. Mas o último dos amigos apertou-lhe a mão e lhe disse: "Espero, em nome dos nossos companheiros, que, como êles, te portes como um bravo! E, como êles, gritarás, também, o nosso brado." Não pôde, quis exclamar que não tinha mais fôrças, que não podia mais. Mas o olhar interrogativo do amigo silenciou-lhe o mêdo e laconicamente, trêmulo, respondeu: "Serei!"...

E, como os outros, no cadafalso, teve a mesma atitude desassombrada, impávida e o mesmo brado de revolta!

A posteridade glorificou-o como um herói, e seu nome penetrou na História.

Perguntamos: Esse homem que se acovardava ante o mais próximo, e conhecia a heroicidade ante o mais remoto, era ou não um bravo?

Para Carlyle não o seria. Mas para vós, leitor? Seria menos herói que aquêle que segue as suas convicções? Seria menos herói que aquêle que realiza um gesto de abnegação e renúncia, quando lhe agrada êsse gesto de renúncia e de abnegação?

Podemos perguntar agora: há atitudes heróicas ou também uma interpretação heróica das atitudes?

PENSAMENTOS E MÁXIMAS

— O mundo muito agradecerá ainda um dia as gargalhadas. Agradecerá Rabelais, Scarron, Voltaire, os satíricos, os humoristas de tôdas as épocas, que o fizeram rir. Nada mais humano que a gargalhada, e nada nos aproxima uns dos outros mais que o riso...

— Mais que a caridade?

— Mais que tudo. Nada nos torna mais próximos uns dos outros que um olhar de benevolência. Um sorriso para um nosso semelhante, uma palavra que provoque um sorriso, um pormenor que se observa

ao ouvido e que faz rir, um aperto de mão cheio de boa vontade... uma anedota que se balbucia numa mesa de café, uma "charge" bem medida e bem dosada e bem da hora, meu caro, é o que mais humano se pode fazer...

— Mas o amor ao próximo, um acto de bondade, uma lágrima que se enxuga, uma dor que se aminora, uniria mais os homens se os homens, cada dia, fizessem um gesto dêsses...

— Sim... sim... Mas tudo isso é nada ante uma boa gargalhada que se proporciona. Sempre queremos bem a quem nos soube fazer rir. Nossos olhos reverdecem, nosso rosto torna-se menos sombrío. Um gesto de cordialidade, uma gentileza natural desinteressada e despretenciosa, isso vale mais que tudo...

— Mais que a misericórdia? que um acto abnegado? que uma renúncia?...

— Mais que tudo. Mais que tudo isso e muito mais.

Se enchêssemos a vida de mais bom humor, de mais alegria, de mais benevolência, teríamos tudo, até a felicidade, até essa inacreditável e impossível felicidade, de que todos falam e que não sabem definir que seja. Acredita: o que ainda conserva a respeitável "solidariedade social" é o que os homens oferecem de riso, de bom humor, uns para os outros.

E um gesto de delicadeza, vale mais que um acto de abnegação. Se os homens querem ser altruístas, que construam o altruísmo de fazer rir uns aos outros. Essa é também uma das formas da "felicidade". E você acredita que a tal felicidade

seja de cara séria, grave, pensativa e meditabunda?

Não creia! Ela tem que trazer nos lábios um sorriso, e seus olhos devem brilhar estranhamente, claros, vibrantes, do contrário não nos convencerá que seja a "felicidade", embora jure de mãos juntas...

*

Traduzir as meia-noites da alma, essas sombrías e misteriosas horas, nos dá a alegria de quem acha, de quem encontra o que há muito busca.

Mas há buscas tão tardías, que nos esmorecem e desencantam.

*

Nada se perde na natureza, nem os sentimentos que se tiram. Os que buscam destruir as religiões esquecem que o misticismo das almas

humanas não se desvía pelos prazeres. Êles repontarão outrá vez, mais fortes, mais insistentes, porque acumulados e comprimidos.

*

Dois vaidosos fazem sempre um juízo péssimo do outro.

*

A beleza realizada pelos homens também deve possuir defeitos...

*

O maior temor de todos os criadores é o esgotamento da criação... A plenitude seria a sua felicidade, mas precisaria, ainda, que tivessem a certeza dessa plenitude, o que lhes é vedado.

Por isso os gênios são sempre trágicos...

*

Mediocridade também é confusão...

*

A originalidade esconde muitas vêzes uma incapacidade. Dentro das normas usadas, e já aparentemente gastas, é onde o verdadeiro talento se revela...

*

Que maior glória para um autor do que ser admirado por quem lê o seu livro mansamente, como se estivesse em face da eternidade!

*

Nada ofende mais a dignidade humana do que ver o escravo construir uma justificação para as suas algemas.

Os que se escravizam a uma idéia, e querem parar a história, já deve-

riam ter aprendido com a experiência das geraçõe passadas a inutilidade de suas atitudes. Podemos desejar tornar eterno o instante que passa. Mas do desejo ao facto o caminho é tão grande que uma vida não é suficiente para percorrê-lo.

Onde não temos certezas de validez universal (de bases genuinamente científicas), saibamos respeitar as opiniões alheias. Lembremo-nos que a própria ciência conhece malogros em suas afirmativas e, por isso, respeita o que é novo, inesperado, possível.

Os que desejam construir dogmáticas, ou já as têm, que gozem da sua beatitude.

Mas, humanamente, compreendam e perdôem os pequeninos que não atingiram tão maravilhosa conquista.

A VIDA NÃO VIVIDA

A vida não vivida... Esta tem sido a insatisfação do nosso século? O veneno subtil que puseram no sangue da alma dos homens, para transformá-los em sedentos de prazeres?... A insatisfação não é a base do progresso dos grandes mercadores?

Os insatisfeitos compram mais, e também variam mais. É preciso ensiná-los a desejar viver a vida não vivida. A sofrer a ausência dessa vida não vivida. A desejar, sempre, essa vida não vivida...

*

A vaidade recorre também à severidade e o olhar fixo é um despistamento.

*

Um pouco de sem-razão é o codimento que falta na vida. Se essa sem-razão é relativa à idade, passa a constituir um atrativo.

*

Há um pensamento de Royer-Collard em que êste define a si mesmo: "As liberdades públicas não são outra coisa senão simples resistências..." É um conceito dinâmico da liberdade que implica, por si só, uma concepção dialética da vida social, fugindo ao conceito estático do racionalismo comum.

*

Há atitudes de bondade que se escondem atrás de gestos brutais. Não são poucas as vêzes em que o mundo nos ensina tenhamos vergonha de ser bons.

*

A verdade também inquieta, lastima, dói...

*

Enganam-se os que afirmam que a ignorância nos faz felizes. Não existe a felicidade dos ignorantes.

Existem momentos felizes que são dados aos ignorantes. Mas o que pode compreender Lucrécio, embriagar-se nos versos de Hafiz, ou ler as páginas meigas de Ovídio, conhece momentos felizes que aquêles desconhecem...

Já Virgílio dizia: "Felix qui potuit rerum cognescere causas..." Feliz o que pode perguntar, também, porque é preciso saber perguntar para que haja respostas. A felicidade do conhecimento é um gôzo proibido aos ignorantes. Um quadro de Ticiano ou de Rembrandt não passará nunca desapercebido ao que sabe... Só há felicidade onde e quando o espírito, se aquieta e se tranqüiliza. No ignorante a tranqüilidade é a do charco, no homem sábio é a que sucede às grandes tempestades.

*

A morte nos surpreende sempre quando realmente começamos a viver...

*

Nem tudo o que é bom se impõe...

*

A confissão, é, para as mulheres, uma necessidade. Antigamente buscavam o sacerdote para desabafar suas angústias. Hoje o médico substitui o confessor. Em suma todo médico é um confessor.

E isso está dentro do nosso século, que prossegue a descrença do século passado. Mas sem nenhuma vantagem...

*

O primeiro homem que conseguiu achar uma norma geral que definisse um grupo de fenômenos, sentiu-se um deus. A idéia de Deus só nasce quando os homens atingem a um gráu que permita estabelecer re-

gras normativas, algumas regras gerais.

A própria idéia de Deus já é a tentativa de uma regra geral universal.

*

A idolatria é o materialismo dos crentes.

*

A prática ainda é a maior das teorias.

*

O homem mais profundo cria para si uma máscara. Êle a vai fazendo aos poucos, aos pedaços, de mansinho. Hoje muda uma côr aquí, amanhã dá um sulco mais profundo, alí. Depois vinca mais em cima, ensombreia dos lados. Por fim interpreta-se a si próprio através de sua máscara, que o espêlho teima em

afirmar que é êle mesmo. E o pior é que acredita.

*

Dói-nos conhecer as nossas virtudes e guardar silêncio delas, como é fácil suportar nossos defeitos, quando só nós os conhecemos.

*

A experiência científica dêstes últimos cem anos nos permite estabelecer um princípio geral: Quanto mais o homem se aproxima da verdade, mais ela dêle se afasta; quanto mais o homem se afasta da idéia de Deus, mais ela se aproxima. Assim: o homem continua, apesar da ciência, sempre eqüidistante de sua idéia da Verdade e de Deus.

*

Há personalidades inevitáveis: Platão, Confúcio, Sócrates, Aristóteles, Buda, Nietzsche...

*

A vaidade é quem fixa muitas vêzes as nossas virtudes.

*

Como os homens não caluniariam a vida, se os homens caluniaram durante mais de um milênio a fonte da vida?...

*

É sempre pouca coisa o que nos seduz numa mulher. Êsse segredo nem tôdas possuem e por isso se ataviam, se ornamentam espaventosamente, ridiculamente... Quereis saber o segrêdo?

Vos direi baixinho: Uma ternura discreta, um olhar discreto, uma certa fleugma displicente, o ensaio fugidio de um talvez...

Compreenderam?

*

Há gestos de maldade que não convencem, como há gestos de bondade que caluniam...

*

O que proclama o bem estar da passividade é que não conheceu todo o bem estar da ação...

*

Walt Disney é um humorizador das coisas e dos homens. Deve-se estudar sua possível influência na concepção do mundo que terão as

novas gerações. Sua obra encerra um novo antropomorfismo.

*

Nada vale menos que um conselho. E quando a vida nos sorri ou é pouco amarga, não damos valor senão literário ou instrutivo às opiniões dos mais velhos sôbre a eterna maldade e hipocrisia dos homens. E as mesmas leituras, posteriormente os mesmos conselhos, vão encontrar os ecos da experiência e fixam-se, aí, porque são exemplificados... Por isso se pode dizer: a experiência fixa a memória.

*

Foge sempre daqueles que fazem de seu mundo um mundo definitivo.

*

Seria perfeito cristão aquêle que renunciasse tudo, até o céu? Papini criou um cristão impossível, porque a renúncia é um meio, não um fim.

*

Os que amam as pequeninas coisas da vida nem sempre compreendem as grandes, e por isso as desprezam.

OS SÉCULOS ESPERARÃO...

— Que fizeste durante tua vida?
— Senhor, sempre fiz o bem.
— E que mais fizeste?
— Senhor, construí igrejas...
— E que mais fizeste?

— Acalentei os aflitos, aminorei dores, saciei a sêde dos que tinham sêde, matei a fome dos que tinham fome...

— E que mais fizeste?

— Cumpri, senhor, todos os preceitos de vossa religião...

— E que mais fizeste?

— Nunca tirei de alguém o que fôsse seu; nunca desejei nada do que

não fôsse meu; nunca ofendi o vosso nome e eduquei meus filhos no respeito de vossa vontade...

— E que mais fizeste?

— Senhor, senhor, fiz tudo o que determinaste, fiz tudo o que teus mandatários na terra me determinaram...

— E que mais fizeste?

— Senhor, senhor, que mais poderia fazer, senhor?!

— Porque julgas, então, que tens direito a vir até mim?

— Senhor, vossos mandatários me prometeram o céu se cumprisse as vossas leis... se fôsse bom... se fôsse justo... se fôsse cumpridor dos mandamentos divinos, eu teria o céu... Por isso, senhor, humildemente, estou aqui à espera da tua magnanimidade...

— É por isso que julgas que tens direito ao céu?

— É sim, senhor, é sim...

— Fizeste o bem, foste justo, foste bom, foste caritativo e cumpriste a lei, para que obtivesses o céu...

— É... senhor...

— Volta, homem. Volta mais uma vez. Volta para a tua vida, mais uma vez. E quando retornares, que possas me dizer o que fizeste, porque tudo isso só vale pela recompensa que te prometeram. Vai fazer alguma coisa de que não esperes recompensa... E te esperarei, e comigo te esperarão os séculos...

*

Irmão, sê bom! Sê altruísta! Retira de tua arca as moedas de ouro e deixa-as que caiam até nós... Dá ao teu semelhante não só o teu excesso, mas o teu necessário. Na vida eterna receberás a paga dos teus atos de bondade!"

Assim sempre pregam os que recebem.

Mas o verdadeiro mestre pregaria: "Homem, que os teus sacrifícios sejam em teu benefício e no benefício de quem o queiras. Só o que dá deve ter direito a receber. Ensina aos outros o caminho do benefício por suas próprias obras!...

*

Há sempre "corrupção" quando os homens perdem a fé em seus ideais.

*

São as dores maiores as que doem menos...

*

Algemem-se os homens, que êles conhecerão, sob êsse pêso, seu pleno desenvolvimento. Isso não é con-

trário à natureza humana, mas conseqüente com ela. Por isso que as opressões geram a liberdade...

*

Quando estamos sós com a natureza, podemos estirar nossos braços, correr, erguer nosso peito, elevar nossos olhos, pular, rolar pelo chão.

E fazemos isso ingenuamente e sem receios, porque sabemos que ela não nos julgará.

Nós só tememos o julgamento dos nossos semelhante.

*

Êle havia roubado uma moeda de ouro. Mas, à noite, não pôde dormir, lembrando as palavras de seu pai. O terror do castigo roía-lhe por dentro. Quando saiu e encontrou um mendigo deu-lhe a moeda, não esperando o agradecimento.

O mendigo ergueu os olhos para o céu e agradeceu a Deus os homens piedosos e bons, que ainda existiam. E aquela moeda de ouro serviu para fortalecer a fé e a coragem de sofrer a sua miséria...

*

É preciso crer em dores fecundas...

*

Há naqueles que descobrem uma verdade interior um pouco de felicidade.

*

Há homens que se medem por seus adeptos. O maior de todos é sempre o que é só, e não tem adeptos.

*

Amontoar minúcias para expor uma idéia é uma fraqueza. Um pensamento, uma máxima, um aforismo, não devem ser lidos. Devem ser intuídos ou pensados. Êles despertam instintos, impulsos, associações, reflexos. O leitor, assim, se torna autor, colabora, completa, amplia.

Os autores do futuro talvez busquem dizer numa frase o que costumam, hoje, dizer num livro.

E a máxima, e o pensamento, e o aforismo tornarão a conquistar seu pôsto de glórias...

*

Que teu olhar não seja para o mundo como o olhar do réptil que se arrasta na terra!

Que teu olhar não seja para o mundo como o da águia que olha do alto!

Olha para a vida e para o mundo, oblìquamente!...

PRÉDICA INÚTIL

Pregar aos homens já é uma demonstração de mediocridade. Não se pregaria, por exemplo, o estoicismo, embora seja uma virtude brilhante.

Como o entenderiam os vulgares e os medíocres?

Se alguns grandes pregadores foram sacrificados, deve-se à tentativa ingênua em querer que suas doutrinas fôssem levadas ao seio dos homens.

Os homens devem erguer-se às doutrinas, não as doutrinas aos homens. Assim também a arte. Os ho-

mens devem erguer-se para ela e não ela baixar-se aos homens. Os que desejam ser bafejados pela glória da notoriedade, que desejam o sucesso presente, não pensam assim.

Assim também não pensam as almas medíocres.

Mas a culpa não é das idéias...

*

Não desejar a felicidade já é uma virtude...

E é uma virtude já desconfiar de sua própria virtude.

*

A Razão também é tirânica e desconhece muitas razões... (Anotação reservada aos racionalistas!...)

*

Os homens criaram deuses para divinizar seus instintos e as fôrças da natureza. Os primeiros buscavam, assim, uma justificação, uma nobreza. Ainda faz falta estudar a "justificação", o que tanto têm descurado os psicólogos...

O nirvana búdico não será sòmente uma destruição da consciência vigilante? Não buscam muitos, como D. H. Lawrence, fugir à consciência vigilante?

Nela não viu Nietzsche o limite do homem? Não é o entusiasmo que buscamos como uma virtude, a embriaguez e o pouco de loucura que nos erga acima do racionalismo matemático uma fuga, também, à consciência vigilante?

Consciência: ponto de encontro de extremos!...

*

Foi nas épocas de grande fé que os homens conheceram o prazer da malignidade.

*

Que a verdade seja simples é uma das ilusões humanas. É que a simplificação é um desejo de poupar esforços. O mundo-verdade, que aspira a conhecer, deve, *portanto*, ser simples... isso é da lógica instintiva. Mas certo é que, até agora, só conhecemos "verdades" complexas...

Às vêzes a incompreensão também é a base da autoridade. Há opiniões que ninguém entende, mas que todos aceitam. São assim quase tôdas as opiniões que formam a estrutura das idéias humanas.

Na semente que germina na terra, no primeiro brôto, nos primeiros galhos, nas primeiras fôlhas, nos pri-

meiros frutos, é que deves colocar as tuas esperanças. Elas viverão quanto mais forem acalentadas pela tepidez úmida da terra...

*

A distância nos aproxima ou afasta das tragédias humanas. Foi a consciência dêsse fato, que fêz nascer nos homens a possibilidade de uma teoria perspectivista. O homem das cavernas já era um perspectivista.

*

Não são livres os que buscam a liberdade porque sentem a opressão da ausência. É um dêsses paradoxos de nossas almas. A falta, o vácuo, constrange as paredes. O nada também constrói algemas...

Os altos e baixos da vida são um excitamento. Quando uma massa do

povo se convence da imprescriptibilidade de seu destino econômico, quando os descendentes dessa massa se convencem, que serão os protagonistas da mesma história que viveram seus ascendentes, essa massa conhece o cansaço dos que se gastaram ou a revolta dos que se não conformam. No segundo caso assistimos as revoltas que encheram de manchas rubras a história e, no primeiro, o exemplo da China que, milenàriamente, conheceu essa vontade do nada, que a mergulhou, até os dias da invasão nipônica, no ascetismo búdico.

Respirou-se até aqui, no mundo, uma atmosfera de hospital. Europa fixava em suas ânsias o espírito ressentido dos que se não conformavam. E a guerra de 14-18 deu aos ressentidos o ensejo de rebeldia. O espírito dos impotentes, dos que

acusam a vida os seus malogros, que destroem as esperanças humanas, intoxicando-as de derrotas, e sugerem o prosseguimento eterno das condições atuais, envenenam as almas para os gestos incontidos e inúteis.

E depois do grande esfôrço que os homens realizam, os resultados apresentam-se medíocres.

Já isso foi prescrutado como uma lei histórica. E talvez seja êsse o destino humano: obter sempre resultados inferiores aos esforços que dispende.

*

Há amigos da sabedoria que julgam tolo e impudente o auto-elogio. Erasmo já afirmava a sua nenhuma simpatia a êsses julgadores. É uma questão muito justa zelar pelo próprio nome, ajuntava. Pode-

ria haver um quê de sarcasmo nas palavras de Erasmo, não importa. A questão é que êle tocou com o dedo numa ferida que dói.

Não se deve dizer de nós mesmos senão aquilo que não sentimos verdadeiramente. A falsa modéstia, tolera-se. O auto-elogio, irrita. É uma ofensa, até. Não importa que digamos de nós aquilo que não sentimos. Os outros sabem disso. Uma hipérbole decrescente agrada. Assim: "na minha fraca opinião," "atrevo-me a julgar," "sei que minhas pálidas palavras," "outro que não eu deveria...", "elevado a um posto que não mereço", "sou grato à vossa bondade," tudo isso se ouve, se entende pelo reverso, mas se aplaude, porque sempre é uma homenagem à mediania e não ofendemos, assim, o respeitável princípio de humildade.

Para suavizar pode-se, por exemplo, dar uma moeda de ouro, a quem escreve um elogio sôbre a nossa pessoa. Na falta da moeda pode-se retribuir com outros elogios impressos.

Quão errados estavam os gregos quando diziam com seu provérbio: "Não tens quem te elogie? Elogia-te a ti mesmo." Que impudentes!... Mais ainda: que tolos! Basta a gente atirar sôbre si mesmos as cinzas da humildade que recebe em paga um caloroso não apoiado.

— "As minhas pálidas palavras...

— Não apoiado!

— Na minha fraca opinião...

— Não apoiado!

— Outro que não eu deveria...

— Não apoiado!

— Elevado ao pôsto que não mereço...

— Não apoiado!"

E assim continúa a ladainha do auto-elogio por provocação. Isso sim. Isso está certo; não é imprudente...

*

Cada cultura humana tem suas máximas. E elas são tão verdadeiras quantas as opiniões superestruturadas de cada época. Mas há máximas eternas: são aquelas que reproduzem o que o homem tem de eternamente atual. E essas são sempre a minoria. Cada época humana as reduz. Outras as aumenta. Mas sempre haverá um certo número delas para aquêles que conseguem vencer o tempo.

*

Os herois, os mártires, negam, quando sacrificam suas vidas, os princípios da sociabilidade.

Não negam, por isso, seus instintos, porque buscam a morte. Seus atos heróicos são estimulados por seus instintos de morte.

*

O artista é um doente. Precisa pôr beleza em sua obra para se aliviar da emoção que o enche, que o comprime, que o amargura. Na realização de uma obra de arte há alguma coisa de sacrifício. Por isso concebo a arte como extravasamento...

⁘

Não existem atos não egoístas. Tornar êsses atos úteis, eis o que importa.

*

Os comunistas têm obtido grande apoio da juventude porque prome-

tem para breve a hora da revolta. A esperança dessa hora próxima supera as razões ideológicas.

E isso é bem psicológico...

*

— Quando o homem quis enganar seus instintos, buscou enganar a si mesmo. E criou regras severas para submeter seus impulsos à regularidade da vida em sociedade. E como isso ainda o não convencesse, e, de dentro, uma voz clamasse por liberdade, criou a moral e ameaçou a si mesmo de um "além túmulo..." E para suavizar, afirmou que havia uma beleza, um encanto, uma felicidade na derrota de seus instintos...

*

Há uma espécie de heroicidade: quando se vence nossos receios e

se proclama o que, na realidade, se sente e se pensa.

*

A ociosidade também é a mãe de muitas virtudes. A ciência e a filosofia nasceram da ociosidade. É por isso que, para muitos, encerram algo de maldição.

*

Quando a vida conhece seus hiatos, seus instantes de depressão, seus estremeceres de decadência, a sabedoria é um recurso.

Os sábios são o recurso dêsse instante.

*

O homem chamou verdadeiro a tudo que lhe foi útil, a tudo que correspondeu aos seus desejos, a tu-

do que lhe causou bons efeitos. E sôbre isso construiu sua moral. O vento, que saculeja a árvore e atira ao chão os frutos maduros, e permite que o homem os apanhe sem esfôrço, foi excessivamente bom... para o homem que apanhou os frutos.

Precisaria mais para provar quão mesquinho é o conceito do "bem" que o homem tem feito?

E do "útil"? E do "verdadeiro"?

A mentira é tantas vêzes tão simples, tão ingênua, que confunde, que convence. E perdoa-se por isso.

*

"A palavra "corrupção" não é mais que um têrmo injurioso para designar os outonos de um povo."

"As épocas de "corrupção" são aquelas em que os frutos caem da árvore"...

Nietzsche fixava, assim, êsse momento humano tão incompreendido. Nesses instantes erguem-se, das sombras, as figuras mais empolgantes da arte e do pensamento. Por entre os fatigados, trabalham os precursores, os que trazem a semente do porvir...

*

O desejo da felicidade é ânsia viciosa de um impulso de mais. E êsse, muitas vêzes, nada mais é que um recurso na luta contra a fadiga e contra o tédio.

*

Ninguém despreza certos conhecimentos mais do que o sábio. Saber é também separar-se...

*

O homem precisa um pouco mais de embriaguês, um pouco mais de loucura, um pouco mais de entusiasmo, porque a "virtude" é entusiasmo...

*

É preciso uma certa maldade para poder dominar suas más tendências...

*

A sabedoria encerra um amontoado de equívocos...

Tôda inteligência humana não será um equívoco?

Esta pergunta, pelo menos, é bem século-vinte!...

*

Por que os egoístas vencem? Por que os egoístas também malogram? Por que os altruístas vencem? Por

que os altruístas também malogram?

Quem nos afirmará que os homens ainda não façam uma estatística da moral? Não haverá algum pseudo-sábio estudando isso?

*

Quanta gente que vive de sua doença...

*

Luta contra ti mesmo. Luta contra teu descontentamento. Luta contra teus desencantos. Luta contra tuas fraquezas e tuas doenças.

Inventa, mil maneiras, de enganar a ti mesmo, de superar, com saídas falsas, com recursos subtís as tuas fraquezas. Busca a sublimação de tuas vitórias construídas sôbre tuas derrotas.

Conhece a irritabilidade de tua luta interior. Domina, uma a uma, as tuas insatisfações, e, escravas de ti mesmo, realiza, com elas, a construção das tuas realidades desejadas. Atingirás, assim, sem que menos espere, o limite da genialidade. E conhecerás, então, a felicidade de ser criador.

*

O embelezamento artificial da vida, enchendo-a de prazeres agitados, das noites povoadas de músicas febris, de prazeres incontidos, de belezas esparsas, são processos engenhosos inventados pelos descontentes da vida, para ocultar sua tragédia do quotidiano.

Os que bitolam sua vida por uma teoria sistemática mentem mais a si próprios que aos outros.

*

As crianças quando fecham os olhos pensam que se ocultam dos outros. Nós repetimos na vida a ingenuidade infantil. Mas há nessa ingenuidade muito de verdade. Fechamos os olhos para nos ocultar da vida, fechamos os olhos para nos ocultar dos outros. E fechamos os olhos, quando vamos dormir, para nos ocultar de nossa consciência, e vivermos, outra vez, na doçura da inconsciência, as fantasias cósmicas dos pretéritos imemoriais.

*

Há gestos bruscos que são uma libertação...

*

A opinião que os outros façam de nós é a que mais nos interessa. A nossa mesma é segrêdo de casa e não nos preocupa, senão quando te-

memos que os outros a conheçam. Se os outros nos admiram, o nosso próprio mau conceito não nos preocupa mais.

*

Numa manhã de sol, ao odor da relva madura, que os ventos trazem dos montes, conhecemos idéias insuspeitadas. E admiramo-nos, depois, dos impulsos que nos arrastam ao que julgávamos nunca desejaríamos. Nada nos aproxima mais de nós mesmos que a natureza.

*

Quantas vêzes fingimos sofrer a dor dos outros.

E essa é uma das maneiras de sermos fiéis à "solidariedade humana". Assim representamos bem nosso papel na grande comédia da vida...

Na arte atual há uma falta de transcendência. O artista já não a considera um meio tão sério, como cultivavam os antigos, antes da guerra de quatorze.

O cômico, a farsa, o clônesco substituem o humor.

A narrativa substitui a emoção. Não mais um sorriso displicente, mas uma gargalhada barulhenta e primitiva. O olhar nostálgico, perdido, melancólico, causaria riso para muitos...

*

Numa manhã clara, de sol, de pássaros, de campos soltos, de azúis profundos, de nuvens longínquas, de vento fresco, como recordamos os momentos felizes que já passamos!...

MÁSCARAS

As rugas que lhe traçavam no rosto dois traços oblíquos, as azas sombrías de dois sulcos abaixo dos olhos, a pincelada cinzenta aos lados da face e a fixidez alontanada do olhar, eram a máscara do seu passado... Os homens, na idade madura e na velhice, trazem, no rosto, suas histórias. É por isso que os jovens de pele fresca, de olhos buliçosos, de olhares próximos, de sorrisos saudáveis, vestem a máscara do futuro, máscara ainda imodelada, ainda em bruto, que os anos delimitam os contornos e o tempo fixa

realidades, Há, ainda, os que procuram ludibriar a vida com a máscara falsa do seu tempo. Artistas imperfeitos, que, como nas obras imperfeitas, não conseguem convencer apesar do categórico de suas afirmações...

*

Há uma celebridade terrível: a de ser mediocremente admirado por todos.

*

O mais pobre de todos os homens é aquêle que rejeitou tudo da vida. E mais pobre ainda porque não conhece a placidez de consciência, porque poderia ter realizado o que renunciou.

*

O ateísmo de Espinosa estava nas razões fracas que deu para seu Deus. Essa também é uma das formas de se combater uma idéia.

*

Todo pensamento é uma limitação. É preciso buscar-se o que fica mais longe, mais longìnquamente, na obscuridade dos pensamentos...

*

Há também uma certa felicidade: aquela que nos oferece a promessa da felicidade.

*

Sim, há uma beleza no quotidiano. Isso não quer dizer que todo quotidiano seja belo, como sempre descobrem os medíocres. Precisamente, o que há de belo no quoti-

diano é o mais difícil de ver, de prescrutar. Êle existe nesses instantes em que se assiste uma cena que sentimos que é universal, que é eterna, que, no fugidio, atinge uma eternidade que desejamos se repetisse indefinidamente, no tempo e no espaço.

*

A fé absoluta não salvaria a humanidade, como dizem os seus pregadores, nem tornaria os homens melhores, também no sentido dêsses mesmos pregadores. A Idade Média conheceu um momento de fé absoluta, e houve crimes e barbarismos como em raras outras vêzes da história humana.

*

O supersticioso de certo modo é um individualista. Liga a si o cos-

mos. Nêle há, portanto, uma superação sôbre o crente de rebanho.

*

Que seria de Cristo se não fôra a corrupção judaica? Que seria de Catão se não fôra a corrupção romana? Que seria de Pascal se não fôra a corrupção francesa? Que seria de Savonarola se não fôra a corrupção da igreja de Alexandre VI? As épocas de corrupção dão ensanchas ao nascimento dos moralistas.

As épocas normais dificultam a floração dos gênios. Estes nascem muitas vêzes por oposição.

E por que se não dizer que os gênios sejam apenas um recurso?

*

A liberalidade não será uma timidez?

*

Nem sempre, quando se renuncia, desprende-se alguma coisa de nós mesmos. Há encontros depois, na vida, de coisas desprezadas, que nos enchem de alegria. É como a daquele que encontra em sua biblioteca um livro que antes desprezara, do qual não suspeitara as belezas que agora lhe promete.

Isso serve para o elogío da renúncia.

*

Ser verídico sempre, não será uma espécie de malícia?...

*

Interrogar é como se manifesta o instinto da inteligência.

*

Não tens vaidade, dizes! Mas sinto vaidade no tom de tua voz!...

*

Sempre existiram os afirmadores da verdade.

Cada época possuiu a sua verdade. Outras vieram e as destruíram. Por que os sábios de hoje falam como falavam os antigos?

*

O homem que não tem paixões é inconstante...

Cuida-te de não reduzires a inconstância numa paixão.

*

Ergues-te tentando combater tua infelicidade, mas é tão triste a tua figura que te envergonhas de ti mesmo...

*

Terrível a preguiça de ser-se grande!...

*

Se não amas os dias de sol, se não te alegram as côres claras, as idéias vivas e o movimento álacre dos jovens; se te cobres de sombras, não buscas a vida. Amas a obscuridade como os que vão dormir. Amas as obscuridades como os que procuram a morte...

*

O egoísta mede as coisas por sua maior ou menor proximidade. Riquet, o cãozinho de Anatole France, não fazia o mesmo?...

*

Não batas muito forte à porta da felicidade. Ela pode se irritar...

*

Busca que acharás o estribilho da vida...

*

Quantas vêzes no elogio que se faz aos outros, há um elogío a nós próprios, porque gostamos de louvar aquêles que se nos assemelham.

*

Engrandecer a nossa derrota não é muitas vêzes, uma homenagem que prestamos às nossas vitórias?

*

— Senhor, perdoa-me que me tenha erguido pela minha santidade além de meus irmãos. Senhor, perdoa a minha virtude...

*

Os julgamentos mais otimistas são os que fazemos de nós mesmos. E, nisso, existe, quase sempre, sinceridade.

*

O ideal de ontem é o desejo medíocre de hoje. Até os ideais envelhecem...

*

O medíocre nunca perdoa o atrevimento dos visionários...

*

A concepção relativista não é relativa, é absoluta...

*

Que bem nos faz às vêzes um olhar superficial sôbre a vida. Alivia-nos da pressão dolorosa das profundidades, e nos faz gozar a delícia bem humana e bem biológica de sermos simplesmente intérpretes...

*

Quem estudou a heroicidade daquele que resiste à sua época, e se

coloca um pouco distante, que lhe permita assistí-la como espectador?

*

Como dói, como dói a realização de uma obra de arte, como se sofre nesses momentos sublimes que se cria!... Mas como se é feliz, também!...

O gênio é também tumulto. O sistemático nega a genialidade. O especialista, é, por isso, embora grande, um fronteiriço da mediocridade.

E O SOCIALISMO COMEÇA...

A diferença entre a burguesia e a aristocracia mede-se em relação à massa de trabalhadores.

Na segunda, existe uma hierarquia conquistada e transmitida, a qual encerra, em si, certos atributos subtis que se formaram através de uma longa evolução. Na primeira, a "chance", o azar, determinaram a conquista de suas posições.

A massa, que observa com surdo respeito os aristocratas, olha com desprêzo e ressentimento os burgueses. E isso porque vê, nestes, homens como êles são, os da massa, que só o destino, a chance, o azar

permitiram se erguessem. Essa distinção é de Nietzsche. E, por isso, êle afirma: "êsse homem da massa diz para si mesmo: então ensaiemos o azar e a chance. Joguemos os dados... E o socialismo começa."

Nietzsche fixou, assim, uma parte ponderável do movimento de rebeldia das massas. Não é o estímulo de "jogar dados", o que a arrasta ao movimento de rebeldia. Há outras causas mais profundas. Mas essa, pelo menos, possui a possibilidade de uma vitória.

*

O herói é uma fórmula efêmera do precursor do super-homem nietzscheano. Efêmero porque precursor e simplesmente "aceitável"...

Em qualquer época, o capitalista é um racionalista. O racionalismo é

medida, é estatizante, invariante, usa abstrações, conceitos estáticos (pesos e medidas, dinheiro, clientela, abstração financeira) necessários a uma compreensão homogênea e generalizante dos factos.

O racionalismo vence na Grécia, definitivamente, na fase mais capitalista da sua economia; vence, na Europa, no século XVI em diante, quando o capitalismo já se fixa poderosamente. Tais factos não implicam o desaparecimento do *páthico*, do afectivo. Mas o capitalista é um lógico; objectiva tanto quanto possível o seu raciocínio. Procura libertá-lo de tôdas as influências *páthicas*, afectivas. Dirige-se apenas para o objecto. O realismo dos socialistas é apenas uma forma exagerada dessa mentalidade capitalista, é um proceder dentro dessa mentalidade, processa-se apenas nela, e sob sua

influência. O socialismo não é algo novo, o despontar de um novo mundo, mas apenas um movimento de oposição dentro do esquema capitalista, da escala de valôres capitalista, com a hierarquização superior dos valôres utilitários, um desejar abolir o individual, o irracional do individual, do singular, para alcançar a máxima generalização do racional, que é já generalizante: o Estado-total, a submissão de todos indivíduos ao geral, a abstração do individual pela actualização unilateral do universal; em suma, último estágio absolutista do racionalismo aplicado à sociedade considerada como um todo apenas.

*

Com o advento do capitalismo, tornou-se mais fácil a ascensão, aos postos mais elevados, de homens de

baixa cultura. Êsses homens vão conhecer, posteriormente, certa ociosidade improdutiva que se diferencia da ociosidade produtiva, criadora, do tempo de maturidade. Êsse é o motivo porque há tão pouca cultura nos elementos guindados aos postos mais altos. E como êsses elementos desconfiam, temem os mais cultos, que, para êles, são ociosos apenas, formam círculos de resistência aos mais capazes. Estamos numa época de ascensão de homens vindos de condições inferiores, e em tôda época semelhante, a civilização vive, alimenta-se dos frutos de uma cultura que perde sua fôrça criadora, pelo esgotamento de suas possibilidades, e que morre, portanto. A ociosidade dêsses elementos alimenta-se e dirige-se de e para as coisas exteriores, para os prazeres fáceis, para o meramente objectivo,

que é por êles endeusado, hiper-valorizado, tornando-se suspeita tôda criação intuitiva, tudo quanto vem da afectividade que é, na linguagem comum, "coisas dos sentimentos".

Note-se bem o emprêgo dêsse têrmo *coisas*, aqui tão vazio, e vazio em frases como tais: coisas da vida, coisas dos negócios, coisas da política, coisas do esporte... Nunca a mediocridade se exibe tão bem, se manifesta tão claramente, como no emprêgo constante dêsse têrmo "coisas"...

*

A filosofia moderna assume decididamente, desde Leibnitz, um aspecto dinâmico. Interessa-se pelos aspectos que se opõem ao predomínio do espaço e da causalidade, isto é, dos factôres de extensidade, para

empreender uma valorização dos factôres de intensidade que passam a ser actualizados (*Voluntas superiores intellectu*, de Nietzsche).

Essa posição é apenas uma *oposição* (de *ob positio*) à concepção mecânica. No entanto, uma visão que compreenda ambas e as supere, compreendê-las-ia como a unidade de uma pluralidade, seria monopluralista, conseqüentemente dialética, colocando-nos *além* de ambas, consideradas como posições unilaterais, como polos, que tomados isoladamente como autônomos, um ou outro, seria proceder com exagerado abstracionismo.

*

A idade regula a imaginação. A impetuosidade passa a ser prudente. Recolhe-se, decresce.

Os revolucionarismos da juventude serenam-se em evolucionismos estóicos.

Os gregos, quando jovens, eram dionisíacos; quando maduros apolíneos. O dialetismo trágico da atualidade próxima, será mais um revolucionarismo impetuoso das juventudes intelectuais.

*

Condoer-se dos outros é muitas vêzes o desejo de se ser condoído, quando sofremos, ou, também, uma paga...

*

Um idealista, um dia, falará assim:

— Meu ideal?... Sei que não o verei vitorioso em minha vida. Nem meus filhos o verão. Talvez nem meus netos. Talvez, mesmo, nunca

chegue a vencer. Que importa! Continuarei lutando pelo meu ideal, embora saiba que êle jamais será vitorioso. Êle é minha única razão de ser, porque, na luta, para torná-lo vitorioso, está tôda a minha felicidade!..."

*

A imaginação cria as suas verdades. Exclui as idênticas ou as contraditórias. Organiza, assim, um corpo de bailados sincrono e obediente a um só sinal, e chama-o, depois: "Ballet da Razão"...

*

Só achamos bela a beleza que encontramos.

Essa é uma das maneiras humanas de sermos injustos para conosco mesmos. As belezas que nunca suspeitamos, achamos estranhas quan-

do os outros nos falam delas. Limitamos, assim, nossa capacidade de admirar, dentro dos nossos limites.

Tentar romper êsses limites já nos é uma promessa...

*

A repetição do fenômeno, de suas causas aparentes e de seus efeitos aparentes, predispos ao homem primitivo a "logicização" dos conceitos.

Tôda razão é adquirida, transmitida, depois, aos descendentes. A criação de hipóteses, e isso é a fantasia, precede à razão. Isso prova a ingenuidade da afirmação apriorística da razão.

*

A felicidade dos sábios está nessa procura da verdade. Quando encontram, conhecem o equívoco de uma

pequena vitória. Vivem a intensidade dêsse instante do "Eureka" histórico. Depois prosseguem na luta. A verdade sempre se faz acompanhar da dúvida. No dia seguinte estão buscando mais argumentos, como querendo expulsar a intrusa que não foi chamada. E, aí, quantas vêzes, a felicidade se torna em desespêro.

*

Há gestos de bondade que degradam a virtude.

*

O ser-se diferente também é um crime. Epiteto foi banido de Roma porque era filósofo.

*

A intolerância é um signo... Os medíocres que o digam de quê

*

A covardia às vêzes se intitula prudência; o servilismo, respeito; a humildade, resignação...

*

O agnosticista chama-se conciliador. Se Sancho Pança tivesse que pensar com originalidade que más digestões não faria...

*

*

Odeio o equilíbrio da passividade. Amo o equilíbrio dos ativos!

*

Quereis mais uma idéia aproximativa do eternamente atual; é um momento que nos emociona, na vida, na obra dos homens, que nos faz entrever a eternidade num momento fugidio...

Ela serve, ao menos, para indicar um caminho a ser trilhado...

*

A perspectiva do homem de hoje é histórica, porque vê o mundo como história, a ciência como história, a filosofia como história, o próprio homem como história.

Quem não vê assim está fora de sua época.

Mas o grande é também saber estar fora de sua época.

*

A crise do sublime que hoje assistimos é um sintoma de morte...

*

O que há de grande na arte é o que ela possui de eternamente atual. Um romance é grande, quando, em

suàs cenàs, assistimos aquelas que conservam em si o eternamente atual. A filosofia será grande quando tiver em seus gestos e em seus atos o eternamente atual. Buscá-lo em todos os ramos do conhecimento e da alma humana, eis a missão dos filósofos, dos artistas, dos homens do porvir.

*

Há autores que se devem ler com devoção.

Pascal é um...

*

A carência que nos dói mais é aquela que julgamos merecíamos de justo título.

*

— Muito bem!... Muito bem!... O raciocínio é tão lógico, as tuas ra-

zões estão tão bem encadeadas, que, palavra, estou convencido que não tens razão!...

*

O gênio não tem paixões, tem estados passionais.

*

O ceticismo é uma espécie de covardia intelectual. Duvidar pela dúvida sòmente, não é buscar uma afirmação, é fazer da dúvida uma verdade.

Ażeby
wiadomość o iście ze swiatłe nie
nych zdania nie o przest. mury
ności wiadomość Dniepr bez gr-
o celiczenio z nim gdzie go co-

JUIZES

É preciso ver que os grandes homens também têm as suas vulgaridades. E muito há de medíocre num grande homem. A mediocridade é uma soma aritmética, como a vulgaridade também. Existem até mediocridades que se respeitem, as de Goethe, por exemplo, as de Leonardo, humilhando-se, rastejando, para ganhar dinheiro...

Há vulgares que têm alguma coisa de medíocre e até de superior. Os homens são somas dessas qualidades. A predominância das qualidades é que torna possível defini-los.

E essas definições serão relativas a quem define e à época em que é definido. Há grandezas que seriam vulgaridades noutras épocas . Há vulgaridades que se tornam grandezas.

Para um Nietzsche, a humildade de Cristo foi vulgaridade, para Pascal foi divina. E, ainda assim, os homens julgam-se uns aos outros...

*

O lobo costuma elogiar as ovelhas que devorou...

"Eram tão boazinhas, tão meigas, tão gentís..."

E isso envaidece os parentes...

*

São os calados os que falam mais alto...

*

A alegria dos outros dispersa os compadecidos.

Não há nada para socorrer...

*

Há indivíduos assim: ante um jogador, gosta do jôgo; ante um crente, deseja crer; ante um homem honesto, admira a honestidade; ante um patife, adora a patifaria...

E o notável é que convencem...

*

A susceptibilidade é um sintoma de ignorância. Os homens exageradamente susceptíveis, que tudo os ofende ou magoa, são sempre espíritos medíocres. A susceptibilidade, é, assim, um dos recursos que a mediocridade usa para esconder ou desviar sua pequenez...

Dá-nos um prazer satânico mortificarmo-nos. Uns chamam a isso

santidade. Às vêzes é uma espécie de lassidão. Noutras, um assassínio de nós mesmos. E nossos impulsos refreados vão recorrer, depois, à sádica exigência de que os outros devam proceder como nós, e nisto pomos uma obstinação tão exigente como os impulsos.

*

Os sofredores, os angustiados, os entediados conjuram-se sempre contra os que julgam robustos e felizes. E a luta contra os "gozos terrenos" é a máscara de que se veste a sua calúnia.

*

"A fôrça de tua própria dor, de teus próprios desenganos, das tuas desilusões e de teus temores, tu renascerás.

Triunfarás de tua própria fraqueza e vencerás a tua destruição!..." Assim falam, muitas vêzes, os instintos.

*

As juventudes classificam como clássicas as idéias revolucionárias das juventudes precedentes. Todo o novo ideal tem um destino: realizar-se, ou não, e passar para a categoria de clássico, mesmo que utópico...

*

Êle falava num tom doutoral como se tôda a humanidade, naquele instante, estivesse de ouvidos prontos para ouví-lo...

*

"Recordar é viver!..." Eis uma das mais frágeis verdades humanas.

Recordar seria viver se recordássemos os momentos de tristeza, na alegria; os momentos de derrota, nas vitórias.

Mas quem suportaria recordar a riqueza na miséria, a vitória na derrota?

*

Os que dizem: "Dize-me quais as leis do teu país e te direi o que é o teu país", fazem, mais uma afirmação ingênua e nada mais. Há países cujas leis mostram, precisamente, o que êles não são, mais vêzes, do que o que êles são.

*

Sempre nos humilha e dói o desdém e a indiferença daqueles que um dia nos louvaram.

O rei destronado sofre a ausência da homenagem de quem já foi seu

súdito; nunca se queixará, nem para si mesmo, da indiferença dos súditos estrangeiros.

Nós, na vida, muitas vêzes, somos reis destronados.

*

O que pregou que a felicidade era eqüidistante do prazer e da dor, é que sofreu muito ou conheceu grandes prazeres. Ninguém pode achar beleza no meio têrmo, senão aquêle que estêve longe, muitas vêzes, do meio têrmo, ou que tema o avassalante dos limites.

*

A maior de tôdas as covardias é ante nós mesmos...

*

Nada mais horrível que a alegria copiada...

*

Cuida-te dos homens modestos! Pode, muitas vêzes, esconder um astucioso, quando julgas que esconde um medíocre.

*

Há muito egoísta que se nomeia individualista. Se pregam a bondade e a moral, fazem-no por segunda intenção. No fundo são discípulos de Aristipo, mas se chamam estóicos ou, quando muito, cedem que se lhes chamem de epicuristas. E fazem, aí, questão de fixar sua condescendência...

*

A educação busca ensinar aos homens, quando crianças, ideais gené-

ricas que deverão ter, depois, na vida. Nisso, às vêzes é ela prejudicial, porque não permite ou não concede uma escolha, que cabe em certas circunstâncias.

Todo o homem hostil ao seu meio é uma excepção.

Falo numa hostilidade consciente e ativa. No fundo, todos os homens são hostis à sociedade.

A conformação é uma derrota. A humilhação, um recurso. A passividade, uma tática. Nisso tudo há sintomas de resignações, e a resignação é sempre posterior, uma conseqüência.

Nos ativamente hostis, há os criminosos, os idealistas e os "fronteiriços". Os primeiros formam a fauna do crime, os segundos são os românticos e os estóicos do idealismo,

os alucinados, os mártires e os heróis; os últimos, os artistas...

*

Mais um século de determinismo e acabaremos fatalistas...

O ideal é a última das conquistas humanas. O homem insatisfeito, aprisionado aos seus limites, doído de suas derrotas, exarcebado de suas ânsias e ilusões, imaginou uma transposição aos seus limites e chamou a isso: ideal.

O ideal, é sempre, uma transposição aos seus limites. E criou seu ideal de raça, seu ideal de amor, seu ideal de luta, seu ideal de vida. Tudo quanto não tinha, tudo quanto lhe faltava...

*

O medíocre supera-se, buscando vulgares. Por isso busca discípulos...

*

Virtude e proveito não cabem no mesmo saco...

Composto e impresso
na
EMPRÊSA GRÁFICA CARIOCA S. A.
à
Rua Brigadeiro Galvão, 225 - 235
em novembro de 1958
São Paulo